



BRASIL & PORTUGAL

200 Anos unidos de Alma e Coração



Organização: Jorge Trigo, José Felício & Márcio Martelli



Muito a celebrar com esta obra ímpar da Editora In House, são 200 anos da independência do Brasil, independência declarada de forma única no mundo, pois foi feita pelo então príncipe regente D. Pedro, filho de D. João VI Rei de Portugal, Brasil e Algarves. D. Pedro cresceu no Brasil, pois a família real portuguesa, em uma estratégia militar inusitada, transferiu a Corte portuguesa para sua colônia no Brasil, mantendo assim a independência da mesma, apesar da invasão francesa feita pelos soldados de Napoleão Bonaparte.

Portugal veio a reconhecer a independência do Brasil apenas em 1825, onde então D. João VI passou a ser o Imperador do Brasil e D. Pedro I seu co-monarca (mas considerado Imperador do Brasil de fato).

Logo em 1826, após a morte do seu pai, D. Pedro regressou a Portugal para tomar o seu trono de direito como D. Pedro IV e defender o mesmo contra as pretensões de seu irmão D. Miguel.

D. Pedro para evitar que Portugal e Brasil voltassem a se tornar um só reino novamente, decide abdicar de seu trono no Brasil em favor de seu filho Dom Pedro II, e também abdica de seu trono em Portugal favorecendo sua filha mais velha D. Maria da Glória que deveria se casar com seu tio D. Miguel.

O acordo durou pouco, eles não se casaram e os irmãos entraram em guerra. D. Pedro IV

estava em grande desvantagem numérica nesta batalha, e para piorar, o Rei da Espanha também reivindicava o reino de Portugal, mas sua experiência o fez ganhar a batalha, e sua filha e netos reinaram em Portugal até o final da monarquia.

A história da independência do Brasil mostra o amor de Pedro pelos seus dois países, amor este que perdura nesta obra.

Celebramos também 50 anos que os restos mortais de Pedro foram trasladados de Lisboa para o Rio de Janeiro, retornando à pátria que ele libertou.

Outra grande lembrança é que há 100 anos, em comemoração aos 100 anos da independência, dois portugueses, Gago Coutinho e Sacadura Cabral, em 1922, apenas 3 anos após a primeira travessia área do Atlântico, realizaram a primeira travessia área do Atlântico sul, uma distância maior que a realizada anteriormente, por ser feita no sul, entre Portugal e Brasil, este feito não só homenageia a independência brasileira, mas sim as grandes navegações portuguesas.

Tenho certeza que os leitores vão se deleitar com os textos desta obra, que é uma ode a duas nações irmãs, que já foram parte do mesmo reino e dividem muito mais que a língua.

Fábio Spina



Organização: Jorge Trigo, José Felício & Márcio Martelli

BRASIL & PORTUGAL

200 Anos unidos de Alma e Coração



Elaboração da ficha catalográfica

Gildenir Carolino Santos
(Bibliotecário)

Editoração e acabamento

Editora In House

Organização

Jorge Trigo, José Felício Ribeiro De
Cezare, Márcio Martelli

**Capa, projeto gráfico e
editoração**

Márcio Martelli

Revisão gramatical português

José Felício Ribeiro De Cezare
Revisão final dos autores

Ilustrações internas

Domínio Público
Designed by Freepik.com

Catálogo Internacional na Publicação (CIP)
elaborada por Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

B736 Brasil & Portugal: 200 anos unidos de alma e coração / organização:
Jorge Trigo, José Felício Ribeiro de Cezare, Márcio Martelli. –
Jundiaí, SP: Ed. In House, 2022.
128 p. : il.

ISBN: 978-85-7899-667-3

1. Pedro I, Imperador do Brasil, 1798-1834. 2. Brasil – História –
1822-2022. 3. Brasil – História – Independência – 1822. 4. Brasil –
Relações – Portugal. 5. Portugal – História. I. Trigo, Jorge (org.).
II. De Cezare, José Felício Ribeiro (org.). III. Martelli, Márcio (org.).
IV. Título.

22-003

CDD – 981.034

1ª edição – setembro – 2022

ISBN: 978-85-7899-667-3

Todos os direitos desta publicação estão reservados à Editora In House,
que detém os direitos autorais da obra para a Língua Portuguesa.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra

sem a prévia autorização por escrito do editor ou dos autores.

O texto aqui reproduzido é uma obra de autoria e responsabilidade de seus
autores e não representa, necessariamente, a opinião da Editora.

Jundiaí, SP, setembro de 2022.

Obra da capa: **Independência ou Morte!**, também conhecido como **O Grito do Ipiranga**,
(4,15x7,6m), 1888, Museu Paulista, de Pedro Américo (1843/1905).



**“MINHA TERRA TEM PALMEIRAS
ONDE CANTA O SABIÁ,
AS AVES, QUE AQUI GORJEIAM,
NÃO GORJEIAM COMO LÁ.**

[...]

**NOSSO CÉU TEM MAIS ESTRELAS,
NOSSAS VÁRZEAS TÊM MAIS FLORES,
NOSSOS BOSQUES TÊM MAIS VIDA,
NOSSA VIDA MAIS AMORES”**

GONÇALVES DIAS

(1823-1864)

**“O AMOR É FOGO
QUE ARDE SEM SE VER,
É FERIDA QUE DÓI
E NÃO SE SENTE,
É UM CONTENTAMENTO
DESCONTENTE, É DOR QUE
DESATINA SEM DOER.”**

LUÍS VAZ DE CAMÕES

(1524-1579)

Sumário

Prefácio

José Felício..... 9

Brasil / Portugal – 200 anos Unidos de Alma e Coração (1822-2022)

Jorge Trigo 11

Pessoa e Martelli – O diálogo de dois poetas

Alberto Caeiro / Márcio Martelli 14

Meus livros e nada mais

Márcio Martelli 18

Grito que abraça

Adelaide Graça 20

SOS Brasil / Consolo / Felicidade

Lygia Guião Maroni..... 21 / 22 / 23

Vem ni mim...

Pérsio L. Marconi..... 24

O pequeno grande Pedro / Corações lisboetas

Rosalie Gallo Y Sanches 26 / 28

Chove em Barcelos

Luiz Haroldo Gomes De Soutello 30

“Um jardim à beira do mar plantado” que expandiu suas raízes

Ariadne Rodrigues De Moraes 32

Simplesmente Pedro

Alexandre Barros Castro..... 34

Cartas Portuguesas – Literatura Confessional da Sórora Mariana Alcoforado

Fabiana Viana Moutinho..... 38

Um casal brasi-luso viajando	
Aristides Almeida Rocha e Ivane De Soeiro Rocha.....	40
À margem do Tejo	
Susana Ferretti.....	44
Santo Antonio de Lisboa? / Bem querer / Além do oceano	
Adélia Diacui Cruyer Foutonatt Pagotti.....	46 / 48
Cara velhas no Brasil	
Mara Lúgia Biancardi.....	49
Redemptio	
José Felício Ribeiro De Cezare.....	50
Tributo a “Francisco Ângelo Borsoi” – Líder estudantil da Zona Norte /SP	
Alberto Gabriel Bianchi	52
Uma estrada chamada Atlântico	
Marta Corrêa	56
Uma equação sem incógnita	
Manoel de Jesus Carvalho.....	57
Uma ceifadora generosa	
Loreni Fernandes Gutierrez	58
Duas metades	
Gargione Avila	59
Duzentos anos de início de nação	
Herminia Aparecida Balbuena	60
Portugal e Brasil	
Flavia Cunha	61
Algum lugar / Uma vida	
Ronaldo Alberto Martelli	62 / 63
Brasil e Portugal – fado, olhares e sinas	
Jefferson Dieckmann	64

Um amor por Portugal	
Ivonete Piccinato De Freitas.....	65
As etapas da vida / Assim cruzou-se os mares então!	
Carmen Sílvia Pereira	66 / 67
Portugal / O poeta é um solitário	
Melissa Maia de Souza	68 / 69
Registro pincelado / Reavaliar a alma	
Liege Esteves	70 / 71
Lágrimas brasileiras / Brasil, Terra Querida / O viaduto / Língua Pátria	
Valderez De Mello	72 / 74 / 75 / 76
Uma data arquitetada	
Dalton Luiz Sibinel	78
Unidade / Hoje / A fé / Confissões / Olhares / Quantas vezes	
Minhas noites / Quisera / Crenças e descrenças / Comunhão	
Maurício Moura	82 / 83 / 84 / 85 / 86 / 87 / 88 / 89 / 90
Carteira escolar	
João Aires De Vasconcelos	91
A história está em nós	
José Barros Dos Anjos	93
Buscando saídas	
Claudevalda Souza-Cláudia.....	94
De repente, espelho	
Lucas Scarapicchia	95
Ventriloquo / Murarius / Hammâm / Deglaçagem	
David Ferreira	96 / 97 / 98 / 100
Direitos LGBT em Portugal	
Kelly Cristina Galbieri	101
Biografias	106



Prefácio

JOSÉ FELICIO

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.
E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

Autopsicografia, Fernando Pessoa

A Editora In House do Brasil, dando continuidade ao seu intenso trabalho em prol da literatura, da arte, da educação e das culturas em todas as suas manifestações, não poderia deixar de comemorar 2022!

Oras, por que comemorar 2022?

Há quem diga que tudo voltou ao normal, mas o que será normal ou o que será o tal novo normal? Sendo novo normal, antigo normal e até o “normal normal”, podemos festejar as diversas vacinas, os novos possíveis tratamentos contra o Covid – estes embasados pela comunidade científica – e a vida em sua mais bela expressão.

Para nós, portugueses e brasileiros, temos ainda mais motivos para celebrarmos!

Temos?

Mas é claro que sim!

Foi pelo grito do português **Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon** (ou D. Pedro I), às margens do riacho do Ipiranga, que o Brasil se tornou independente em... 1822! Estamos a poucos dias de comemorarmos 200 anos de independência.

Temos ainda para celebrar a peripécia dos aeronautas **Carlos Viegas Gago Coutinho** (1869 - 1959) e **Artur de Sacadura Freire Cabral** (1881 - 1924), responsáveis pela **primeira travessia aérea do Atlântico Sul**, partindo de Portugal com destino ao Brasil, viagem realizada em 1922. Mais um marco a se comemorar entre os irmãos portugueses e brasileiros no ano de 2022, um século de um feito de repercussão mundial!

E Pedro I, o português mais brasileiro a pisar em ambas as terras, como rei em Portugal ficou conhecido por Pedro IV, também receberá sua ode. Neste projeto vamos rememorar os **50 anos de trasladação, de Portugal ao Brasil, dos restos mortais do imperador da independência**.

Não foram séculos de uma relação tranquila e compassiva, muitos desencontros e muito encontros ocorreram e ainda há muito o que se pensar e discutir sobre a História de Brasil & Portugal, mas a partir de agora festejaremos e:

Uniremos duas nações num só coração!



Brasil / Portugal

200 anos Unidos de Alma e Coração (1822-2022)

JORGE TRIGO

Embaixador Cultural da Editora In House em Portugal

Os dois países independentes nunca deixaram de estar unidos, por meio das mais variadas formas. Embora **D. Pedro** tenha soltado o célebre grito do Ipiranga, em S. Paulo, no dia 7 de setembro de 1822, em resultado de um distanciamento entre brasileiros e portugueses que já se sentia em 1820, fruto de um conjunto de acontecimentos que levavam a essa situação, nunca foi um corte radical. Aliás tal era impossível.

D. Pedro foi aconselhado por **José Bonifácio**¹ a optar pela independência, mas hesitou. Não foi nada fácil essa decisão. As guerras² que se seguiram e que terminaram em 1824 não deram descanso a D. Pedro. Portugal só reconheceu a independência em 1825. Por já não ter condições para reinar, D. Pedro I do Brasil renunciou ao trono em 1831 a favor do seu filho mais novo que passou a ser D. Pedro II e partiu



Foto: Divulgação

para a Europa. Em Portugal veio a reinar, embora por muito pouco tempo. Lutou pelo liberalismo e venceu. Deixou depois o trono à sua filha, D. Maria II, vindo a morrer em Portugal, no ano de 1834, no Palácio Real de Queluz, o mesmo onde tinha nascido.

Quando se instaurou a República no Brasil, D. Pedro II, dois dias após a sua proclamação, embarcou com a família para Portugal. Chegou a Lisboa no dia 7 de dezembro de 1889 e seguiu para o Porto. Ali a imperatriz morreu no dia 28 do mesmo mês.

¹ Defendia a transformação do Brasil numa monarquia constitucional não liberal.

² A Guerra da Cisplatina foi o primeiro conflito internacional do qual o Brasil participou enquanto nação independente.



Foto: Divulgação



Foto: Divulgação



Dom Pedro II faleceu em Paris, França, no ano de 1891. Os seus restos mortais foram trasladados para Lisboa e colocados no convento de São Vicente de Fora, junto aos da esposa.

No dia 22 de dezembro de 1920 os restos mortais do imperador e de sua esposa D. Teresa Cristina, foram para o Brasil. Foi dado um grande destaque ao acontecimento pela imprensa portuguesa, sendo referido nas notícias que os republicanos brasileiros cumpriam, desta forma, uma dívida de gratidão para com os seus imperadores.

Neste ano de 2022 também se assinala o **centenário da Travessia Aérea do Atlântico Sul, entre Portugal e o Brasil, por Gago Coutinho e Sacadura Cabral**. Chegaram ao



Foto: Divulgação



Rio de Janeiro em 17 de junho de 1922. Esta viagem foi efetuada no contexto das comemorações do Primeiro Centenário da Independência do Brasil. Foram recebidos com grande entusiasmo nas várias cidades brasileiras onde pararam, e igualmente no regresso a Lisboa.

Em 10 de abril de 1972 os restos mortais de D. Pedro IV de Portugal, primeiro do Brasil, foram trasladados do Panteão Nacional, em Lisboa, e enviados para o outro lado do Atlântico, por meio do paquete Funchal. O presidente da República Portuguesa, Américo Thomaz, viajou no mesmo navio.

O **coração do Rei de Portugal** e primeiro Imperador do Brasil que está desde 1837 na Igreja da Lapa, Porto, Portugal, fundada por um brasileiro, vai ser trasladado durante a noite do dia 21 de agosto de 2022 para o Brasil, no âmbito das comemorações dos 200 anos da sua independência. Será recebido com honras militares no Palácio do Planalto, em Brasília. Depois será transportado para o Palácio Itamaraty e ali ficará até 7 de setembro. Voltará para o Porto no dia seguinte.

Duzentos anos depois, Brasil e Portugal continuam unidos de alma... e coração!

Obra de Pedro Américo “Independência ou Morte”

9 de agosto de 2022



Foto: Divulgação

Pessoa e Martelli
O diálogo de dois poetas*

Leram-me hoje S. Francisco de Assis

ALBERTO CAEIRO

Leram-me hoje S. Francisco de Assis.
Leram-me e pasmei.
Como é que um homem que gostava tanto das coisas,
Nunca olhava para elas, não sabia o que elas eram?
Para que havia de chamar minha irmã à água, se ela não é minha irmã?
Para a sentir melhor?
Sinto-a melhor bebendo-a do que chamando-lhe qualquer coisa.
Irmã, ou mãe, ou filha.
A água é a água e é bela por isso.
Se eu lhe chamar minha irmã,
Ao chamar-lhe minha irmã, vejo que o não é
E que se ela é a água o melhor é chamar-lhe água;
Ou, melhor ainda, não lhe chamar coisa nenhuma,
Mas bebê-la, senti-la nos pulsos, olhar para ela
E isto sem nome nenhum.
Esperando a brisa marítima me levar
A um destino
Um ponto
Final.

Sede de viver

MÁRCIO MARTELLI

Se tivesse, de alguma forma, escolher ser alguém
Seria São Francisco de Assis, em sua forma mais pura
Simple e plena a chamar a todas as coisas de minha irmã
Oras, e não somos todos irmãos de alguma forma?
Todos deste mesmo universo, deste planeta
Ao qual chamamos de Terra?
Creio ser esta a razão da irmandade franciscana
Sentir o outro como uma extensão sua
Mas se é assim como poderei chamar de irmão
O alimento que consumo, a água que bebo?
Devo chamar as coisas pelo seu próprio nome
Esquecer-me um pouco de São Francisco
Ao qual nunca chegarei aos pés e viver da forma
Mais plena a vida aqui neste orbe, sem dar nome,
Apenas viver com a certeza de que tudo é uma coisa só.

A criança que fui chora na estrada

ALBERTO CAEIRO

I.

A criança que fui chora na estrada.
Deixei-a ali quando vim ser quem sou;
Mas hoje, vendo que o que sou é nada,
Quero ir buscar quem fui onde ficou.
Ah, como hei-de encontrá-lo? Quem errou
A vinda tem a regressão errada.
Já não sei de onde vim nem onde estou.
De o não saber, minha alma está parada.
Se ao menos atingir neste lugar
Um alto monte, de onde possa enfim
O que esqueci, olhando-o, relembrar,
Na ausência, ao menos, saberei de mim,
E, ao ver-me tal qual fui ao longe, achar
Em mim um pouco de quando era assim.

II.

Dia a dia mudamos para quem
Amanhã não veremos. Hora a hora
Nosso diverso e sucessivo alguém
Desce uma vasta escadaria agora.
E uma multidão que desce, sem
Que um saiba de outros. Vejo-os meus e fora.
Ah, que horrorosa semelhança têm!
São um múltiplo mesmo que se ignora.
Olho-os. Nenhum sou eu, a todos sendo.
E a multidão engrossa, alheia a ver-me,
Sem que eu perceba de onde vai crescendo.
Sinto-os a todos dentro em mim mover-me,
E, inúmero, prolixo, vou descendo
Até passar por todos e perder-me.

III

Meu Deus! Meu Deus!
Quem sou, que desconheço
O que sinto que sou? Quem quero ser
Mora, distante, onde meu ser esqueço,
Parte, remoto, para me não ter.

Perdi-me de mim

MÁRCIO MARTELLI

I.

Olho e não me vejo
Sonho com brinquedos e brincadeiras
Mas onde estarão ocultas minhas lembranças?
Sou nada mais, não sou ninguém
Eu que era, que era e fui tão feliz
Ouço o piano tocando e revejo primaveras
Não me reconheço ali
Tive de esquecer de mim
 para me tornar o que sou
E sou apenas um pouco daquilo que poderia ser
Talvez por relapso ou por desistência
O fato é que ao espelho quando me notei
Senti toda a ausência de uma alegria
Que outrora tinha e hoje não mais.

II.

Corro por ruas e avenidas
Acerca de minha casa, de meu lar
E nada me traz de volta à criança que fui
E vejo tanta gente ao meu redor
Gente que me desprezava
Gente que se desfazia de mim
Eu não os quero ao meu lado
Eu os quero longe de mim
Quero passar por todos eles
E sair novamente à procura
De toda a doçura, de toda a poesia
Que uma dia habitava
A mim.

III.

Eu me desconheço e não me represento
Sou aquilo que querem que eu seja
Mas eu fugi e me alforriei
Para ser eu, num momento pleno
Da minha mais tenra infância jamais esquecida.

* O escritor brasileiro Márcio Martelli pesquisa a obra do escritor e poeta português Fernando Pessoa e a revisita, transformando-a em dois projetos: *A poesia de Pessoa para o século XXI* e *Pessoinha - Fernando Pessoa para crianças*.

Meus livros e nada mais

MÁRCIO MARTELLI

Hoje tentei algo impossível: prender minha alma aos meus livros; assim para onde quer fossem eles estariam junto a mim.

Absorvi as vozes dos escritores que saíam deles e procurei entender que sempre estive-ram presentes não importando onde eu estivesse.

Tive vontade de chorar, de reverenciar a todos e pedir perdão.

Ser perdoado pelo pouco tempo que tive para me dedicar e ler a todos eles empilhados e enfileirados na minha estante.

Por qualquer ponto que eu olhava, eles fitavam-me. Sorriam, faziam-se presente mas nunca me imploraram nada

Apenas se mostravam exuberantes e com tantas coisas a me dizerem que me perdi nessas estradas turbulentas da vida que me levaram a tantos lugares e, nem preciso dizer, que cada canto recordava-me deles.

Podia estar em Lisboa que via a passear pela Baixa, o primo Basílio a cortejar raparigas portuguesas sob os olhares ingênuos de tantos maridos que comecei a rir da situação.

Ou então, os poemas de Lorca, marcados por sangue pelas *calle*s de Madrid lutando pela

vida, pela igualdade e pela liberdade de viver como bem se quiser e em qualquer lugar.

Vi miseráveis pelas ruas de Paris, estive em cafés onde se discutiam poesia, amor, vida e libertinagem.

Escondi-me em becos escuros da velha Londres à espreita de um novo assassinato a ser desvendado por Miss Marple ou Poirot e ri, mas ri muito pelas ruas do Rio de Janeiro ao lado de Brás Cubas a relembrar e assombrar os que aqui ficaram.

E Pessoa me refresca a memória no caminho de Sintra e sua paisagem bucólica na serra magnífica cheia de mistérios. Já Camões descansa seu sono imortal nos Jerônimos, enquanto tento ainda decifrar esse fogo que arde sem se ver e essa ferida que dói e não se sente.

Ah! O amor!

Cavaleiros, reis e princesas. Um mundo de contos de fadas, cruel, magnânimo e real. Tudo isso à minha volta num rodopiar de olhos no qual posso pairar onde quer que eu quiser.

Em Praga, Coimbra, Roma, Hong Kong, Barcelona, São Paulo, hotéis e pensões baratas com tantas histórias a serem desvendadas. Como em *As formigas* de Telles, ou com a his-

tória de Mocinha, de Lispector. Tão triste e tão verdadeira. Uma *Felicidade Clandestina!*

Caminhei por Macondo com a família Buendía e vi espíritos com Clara em pleno Chile.

As tais cores de Almodòvar e as lendas do mundo todo. Hogwarts seria uma boa ideia, repleta de fantasia e temor, mas prefiro adentrar ao centro da Terra com Verne.

Há tanta sabedoria nesta estante.

Tantas vozes clamando para serem lidas.

E eu escrevo.

Talvez porque gostaria de, também, um dia ser lido e estudado. Um louco, acredito que di-

rão; ou sequer lembrarão destas poucas linhas que deixei aqui, para um futuro utópico.

Eu que sonhei em ser escritor.

Que jamais pensei que poderia apagar o fogo de tantas fogueiras passadas.

Eu que sinto correr entre veias, palavras lapidadas sussurradas por vozes do passado.

Acho que sei quem sou.

Somente uma ideia.

Uma história.

Um livro.

Ainda a ser escrito...

Cujo final, sequer imagino!

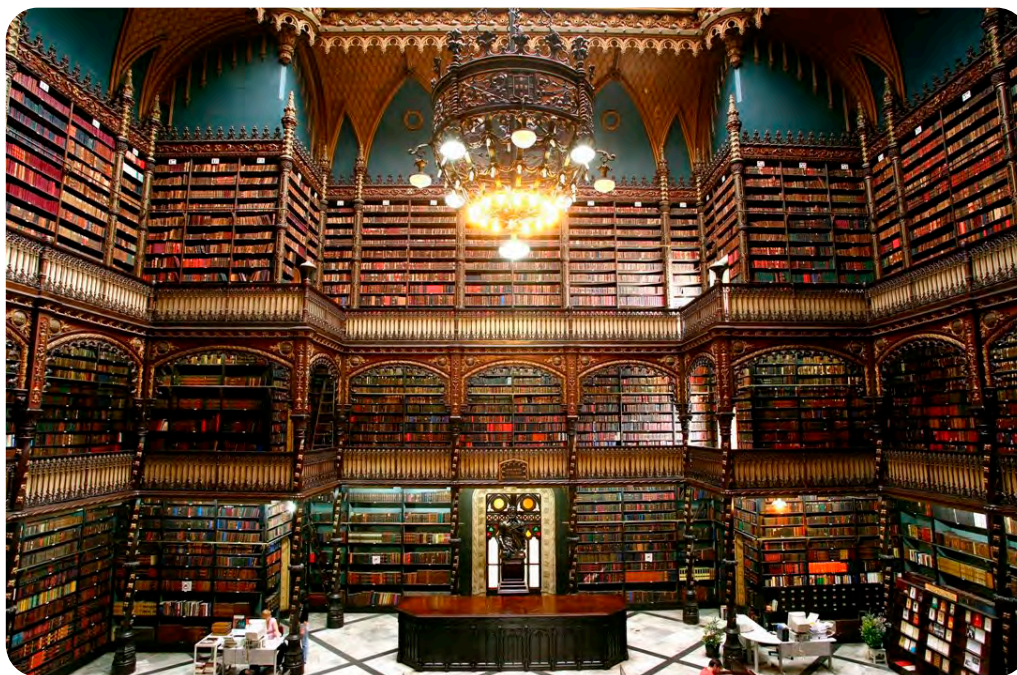


Foto: Divulgação

Real Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro – eleita uma das vinte bibliotecas mais bonitas do mundo.

Grito que abraça

ADELAIDE GRAÇA

Ao rés de todos os mares deste cais
das sete quinas
Rasgo de passarolas navegantes
deste céu infinitamente virgem
Ó Pátria de sonhos e conquistas
Berço de aeronautas e reinados
Grito nas margens do Ipiranga
rio-irmão
Tempos no tempo de cego conhecimento
e aventura lascívia
predadora de futuro sem retorno
Longas esperas na tinta das palavras
perdidas
ignoradas nos balangandãs
que a baiana tem
Samba tocado em ritmo sensual
Ardente
Vertiginoso
Suado
num só coração
quando a língua tece
a lusofonia do amor
Quisera o tempo hastear as cores
da perdição
no desfiar de promessas vãs
de uma chegada sem cais



onde moram resquícios de uma orfandade
sem morte
É esta travessia entre os dois lados
das marés
que guarda o secreto paladar da goiaba
o exotismo de Carmen
a comunhão da história
num grito que abraça.

SOS Brasil

LYGIA GUIÃO MARONI

Meu Brasil, Velho de Guerra,
chamou no passado, um dia,
um sonhador brasileiro...
Nosso solo tem mais flores,
nossa vida mais amores,
acorda em nós o guerreiro...
Onde está nosso Cruzeiro,
embuçado em céu escuro
sem mostrar o seu roteiro?
Onde está nossa bandeira,
que vem altiva, altaneira,
bater forte em nosso peito
de cidadão de respeito?
Onde “Ordem e Progresso”
pra gente, toda em recesso
de pudor... sem consciência!!!

Por favor, levanta amigo,
pisoteia o inimigo
que destrói a sua história!!!
Com verdade e com direito
enfrenta esta guerra agora,
que é possível dar um jeito
de lavar sua memória...
Os que são bons, os que restam,
construirão mundo novo
renascendo a nossa glória...
E o povo de multi-raça
gritará de valentia
saudando esse novo dia!!!
E diremos nossa Prece,
num só grito, em vozes mil
pela Paz, pelo BRASIL!!!



Consolo

LYGIA GUIÃO MARONI

Não te queixes da vida, nem da sina,
do dia escuro, da noite de breu!
A lágrima é uma parte pequenina
do desencanto que te acometeu...

Há dias de tristeza e de abandono,
Há fases que parecem não ter fim...
O tempo passa... o verão... o outono,
a primavera que enfeita o jardim!

Tudo na vida tem o outro lado,
igual a um jogo, uma brincadeira,
o pranto amanhã terá passado!

Há madrugada, há dia e arrebol!
Não percas a esperança derradeira
que, atrás da nuvem, brilha a luz do sol...

Felicidade

LYGIA GUIÃO MARONI

Felicidade, sombra fugidia,
e que se esconde para ninguém ver!!!
É mito, é sonho, pura fantasia
de uma esperança que não quer morrer...

Ah! Porque sonho assim, tão fortemente,
em encontrar das brumas, das lembranças,
amores que se foram num repente,
sem tempos mais de sol e de bonança!

Passou por mim e nem senti, a vida
que me fugia pelo vão dos dedos!
Amores que se foram, e na partida,
os risos que perdi junto a meus medos...

Estou aqui, buscando nova estrada,
tentando resgatar minha esperança...
E o pó que deixo dessa caminhada
é a fé, de quem procura o bem e alcança!!!

Vem ni mim...

PÉRSIO L. MARCONI



A região de São José do Rio Preto, no norte do estado de São Paulo, é conhecida pela sua diversidade de atividades, destacando-se a agropecuária, com forte apelo cultural e social. Na região, tradicionalmente são realizados inúmeros eventos como festas do peão, rodeios de touros e cavalos, exposições agropecuárias, dentre outros.

Em decorrência disso, partes da população, especialmente os mais jovens, são apaixonados

pelo modo de vestir, de falar, de se portar, frente a outras manifestações que envolvem esse mundo curioso.

Durante muito tempo, alunos e alunas me contavam sobre suas peripécias e aventuras pelas quais passavam nesses eventos. Eu jamais tinha tido a curiosidade de comparecer a um rodeio ou festa do peão, embora respeite todos os tipos de manifestação cultural. Até que, certo dia, um grande amigo, patrocinador do maior

rodeio da região, convidou-me para estar em seu camarote durante a realização de um show de montarias e, depois, de uma grande estrela da música sertaneja.

Assim, fomos, esposa, filha e genro, sob um frio rigoroso, assistir às provas de montarias em touros (eu ficava torcendo para o touro, em silêncio!).

Antes que o show musical tivesse início, o grande astro da música passou pelos camarotes para cumprimentar os patrocinadores, simpaticamente agradecendo pelo alto cachê que receberia. Quando chegou ao nosso camarote, minha filha, ansiosa, disse-me: “Pai, o fulano está aqui! Cumprimente-o e faça um elogio!” E eu, ignorante nessa seara, perguntei ingenuamente, “Quem é o fulano?” Levei a maior bronca da filha.

No caminho, ao parar em um posto de combustíveis para abastecer, deparei com a seguinte cena: em um canto do posto, agrupados, vários jovens, vestidos com o uniforme do evento – calça jeans muito apertada, camisa xadrez, cinturão com grande fivela de metal, botas de couro e o indefectível chapéu de cowboy – estavam ouvindo música sertaneja no volume 56. Notei que um deles, grandalhão, estava usando um par de esporas em suas botas. E, arrastando as esporas de metal no chão de concreto do posto, arrancava faíscas, para delírio dos amigos. Atividade no mínimo perigosa em um posto de combustíveis!

Vi então que estacionou ao lado do meu, um carro de luxo, enorme, do qual desceu uma mulher alta, loira, muito bonita e elegante, pedindo ao frentista que abastecesse seu veículo. Ao ver aquela deusa grega, o grandalhão das esporas não teve dúvidas: aproximou-se, com as mãos na fivela, cotovelos abertos e arrastando as esporas no concreto, disse bem alto: “Aôôô, vem ni mim, potranca!”

Fui acometido por um acesso de riso incontrolável, que se estendeu até a pobre moça vítima da cantada e ao frentista. O peão desastrado sentiu-se rejeitado e voltou, cabisbaixo, para o seu grupo de amigos.

Fiquei pensando comigo se algum dia, em algum lugar, esse tipo de cantada funcionaria com alguma garota. Cheguei a perguntar para algumas alunas se elas já haviam sido vítimas disso. A resposta foi: “Sim, várias vezes!”

Como eu disse no começo, respeito, mas não entendo...



O pequeno grande Pedro

ROSALIE GALLO Y SANCHES

Era um peso enorme carregar dezoito nomes em um país tão pequeno como sua pátria.

Mais que o extenso nome, era muito pesado carregar, porém, toda a História de Portugal em seus pequenos ombros. Ainda mais nos seus poucos nove anos de idade e às vésperas de navegar em direção a um país desconhecido e selvagem como o tal Brasil, sem entender direito qual a razão pela qual a família imperial tinha que fugir para se livrar do poderio de Napoleão Bonaparte, líder das tropas francesas invasoras de sua Portugal.

Nascido e criado no Palácio de Queluz, nos arredores de Lisboa, o menino Pedro teve uma avó enlouquecida, rainha que deixou de governar o país, entregue ao filho João, pai de Pedro. Aos três anos de idade tinha visto morrer também muito precocemente seu irmão mais velho, transformando-o em primogênito e herdeiro direto do trono português, além de receber



Dom Pedro I (1809).

mais dois títulos reais de peso: Príncipe da Beira e Duque de Bragança.

Na novíssima Rio de Janeiro o menino Pedro encantou-se com a vastidão e as cores iluminadas do Paço de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, em meio à natureza e à amplidão não existentes em Queluz.

Como o menino Jesus, foi iniciado em carpintaria, aprendeu a montar e a conviver com cavaliços, não se importando com posição nem títulos que carregava. Amante da música não lhe foi difícil escorregar para as ruas noturnas e os vícios da cidade. E, mais que isso, conhecer o povo que deveria governar.

Aos 21 anos, já casado, soube que tinha estourado na cidade do Porto uma revolução liberal. Novos ares sobre política chegaram aos ouvidos de Pedro. Os portugueses pretendiam o fim da monarquia absoluta, o temor maior de todos os professores dos infantes e conselheiros dos futuros monarcas. Por isso, em menos de

um ano as mesmas pretensões políticas levaram a família real voltar a Portugal, deixando Pedro nomeado como Príncipe Regente do Brasil.

Esta é a história que se lê em qualquer livro de História de Portugal e do Brasil.

Penso hoje, contudo, duzentos anos depois de declarada a Independência do Brasil, no menino Pedro, no sofrido menino nobre que não gostava de francês, inglês ou pintura. No menino que esperava com ansiedade a hora da aula de equitação para usufruir o prazer de estar entre os cavalos de sua predileção. No garoto que se deslumbrou com a claridade de um Brasil recém-nascido, de vagidos culturais e gestos ainda não coordenados. Penso no adolescente que conviveu com um espírito de escol chamado José Bonifácio de Andrada e Silva, de quem recebeu orientações sobre o futuro de uma inteira nação continental.

Penso no jovem que amadurecia enquanto dirigia o Brasil como Imperador, coincidentemente por quase nove anos. Imagino como viveu pressionado esse menino Pedro... Penso, por fim, em Pedro, aos 36 anos de idade, deitado em Queluz, às portas da morte, no mesmo quarto em que nascera: uma trajetória relâmpago, plena de trovões e raios, tempestades e furacões políticos em um tempo cuja longevidade só era possível aos castos religiosos e a alguns raros seres humanos privilegiados pela dádiva divina.

Quanto de bom essa criatura fez nos seus poucos anos de vida? Pergunto-me e atrevo-me a responder: muito! Sem o saber, deu-me a liberdade que usufruo hoje. Deu-me a possibilidade de trabalhar e realizar sonhos pessoais e familiares. Permitiu que meus ancestrais pudessem desembarcar em Santos e dirigirem-se a campos de trabalho onde puderam prosperar, fugidos, eles também, dos perigos mas da fome e da miséria italiana. Deu-me a opção de estudar, de me tornar uma profissional na área da Educação e influenciar jovens a serem pessoas de bem.

Deu-me a emoção de um dia, parada com uma amiga querida, diante da casa onde nasceu e morou seu amigo José Bonifácio, em Santos, poder me lembrar da nossa História, ainda que recente, ainda que incipiente, tão pequena diante da grande Portugal.

Deu-me a alma brasileira que sabe ser reconhecida aos valores cívicos e deu-me a coragem de chorar quando canto o Hino Nacional.

Deu-me a alegria de me sentar, no Chiado, e tomar um café ao lado de Fernando Pessoa.

Obrigada, grande menino Pedro por tudo o que foi e não soubemos e não vimos. Bem-vindo seja sempre à minha casa. Não é portuguesa, pois, mas é sua, com certeza!

Agosto de 2022, quase 200 anos depois do grito de um menino.

Corações lisboetas

ROSALIE GALLO Y SANCHES

Lisboa é uma cidade cosmopolita e, como todas as grandes cidades, possui vários corações pulsantes. As emoções afloram quando vislumbramos, ainda ao longe, a Torre de Belém e, ao nos aproximarmos dela, à direita, o Mosteiro dos Jerónimos a abrigar, em sua maravilhosa arquitetura manuelina, em túmulos tão ricamente elaborados quanto suas colunas e arcos, famosos como Dom Manuel I e dona Maria, sua esposa; o navegador Vasco da Gama; o túmulo vazio de Dom Sebastião, jamais tornado da batalha e nada menos que Fernando Pessoa, um ícone da literatura mundial.

O tímido elevador de Santa Justa, tentando se esgueirar entre paredes, eleva-se grandioso para proporcionar aos visitantes uma vista deslumbrante a ser degustada com um café inesquecível, em seu topo. Presença anônima de Eiffel, de quem Raoul Mesnier du Ponsard foi aprendiz.

Outra vista encantadora é a que se tem do Castelo de São Jorge: uma Lisboa espalhada, tentáculos estendidos em bairros de onde emanam os choros dos fados e das saudades. E assim, em vários locais se faz sentir bater um coração a mais nesta cidade lusitana, ora triste ou ale-



Foto: Divulgação

gre, ora saudoso ou cansado, ora acompanhado em dores, ora na solidão dos ais. Um complexo de saudades me inunda, sempre, em Lisboa. Lá aprendi o que é realmente sentir saudade.

Foi na Praça da Figueira, porém, que bateu em mim, de novo, inesperadamente, o coração infantil que estava abafado pelo adulto sofredor de muitas decepções.

Era uma pequena porta. Aparentemente inofensiva. Desastrosamente envolvente. Misterio-

samente atrativa. Dentro do pequeno espaço, bonecas estragadas ao lado de outras já saradas, entre algumas em tratamento. Um hospital de bonecas! O Hospital de Bonecas!

A menina embutida em mim correu para dentro. O coração aos pulos, não tinha mais vontade de sair do local! Então contei sobre minha boneca de perna quebrada à simpática herdeira da antiga loja de ervas à frente da qual sua avó, dona Carlota, se sentava para trançar trapos e fazer bonecas em um tempo no qual as crianças podiam correr distantes dos pais porque todos se conheciam.

Nos meus mais de setenta anos tive vontade de pegar no colo, de novo, minha boneca de porcelana, boquinha fechada e vermelha, em forma de coração, e voltar a ser a criança que a embalava. Tive vontade e saudade do tempo em que passeava com ela ao lado de minhas irmãs, todas mais velhas que eu, na minha pequena Pindorama, pela calçada da avenida Rio Branco, em frente ao sobrado construído por meu avô e onde nasci, colado ao cinema onde meu pai era o artista principal.

Voltei por minutos a ser a menina que não tinha crescido, a criança feliz, a mente pura, o coração feliz. Resgatada de dentro de mim, a menina prometeu à dona da loja que voltaria e traria sua boneca para hospitalizá-la e tratar de sua perna quebrada e de seus cabelos ralos pela

idade e como promessa é dívida, hei de voltar a Lisboa. Devo esta volta à menina que reviveu de mim mesma e me devolveu o gosto e o respeito pelo passado. Afinal, ele é o que temos de concreto em nossas vidas e será sempre ele o responsável pelas batidas de nossos corações.

Guardo ainda o cartão de visitas tão especial deste local lisboeta. Ali bateu mais forte meu coração e hei de tornar.

Claro que também senti bater forte meu coração em outros locais como as casas de

José Saramago e de Amália Rodrigues; o Monumento ao Descobrimento que fotografei em vários ângulos até me cansar... ou diante das águas do Tejo, imaginando os corações pulsantes dos marinheiros que se aventuraram em busca do desconhecido, razão pela qual nos aventuramos.

Agora que escrevo pensando nestas lembranças, ouço bater meu coração na Praça da Figueira. O coração que deixei em Lisboa bate em uníssonos com o que carrego aqui, no Brasil, esperançosa de voltar à pátria-mãe, à língua-mãe e a mim mesma, a criança saudosa de si mesma e que ora assina esse texto,

Rosalie.

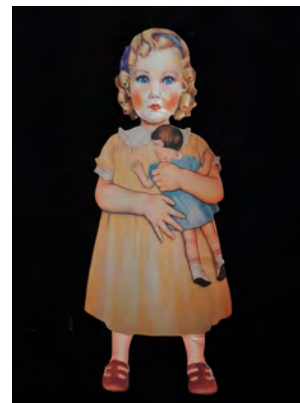


Foto: Divulgação

Chove em Barcelos

LUIZ HAROLDO GOMES DE SOUTELLO

Arrumando a mala e as lembranças.

Se lembranças fossem transportadas em mala, eu teria um sério problema de excesso de bagagem. Quanta coisa para contar...

Gostaria de ficar mais alguns dias aqui em Barcelos. Partindo agora, perderei o arroz com lampreia anunciado pelo hotel para o jantar de hoje. Prato pelo qual sinto curiosidade desde que li *A ilustre Casa de Ramires*, a meu ver a melhor obra do Eça de Queiroz.

Mas não é pela lampreia que eu gostaria de ficar mais tempo. Meu avô paterno nasceu aqui, na Freguesia de Pousa, em 1839. Nasceu pobre, em uma família de pequenos agricultores. Com o muito dinheiro ganho no Brasil, sempre ajudou os parentes que ficaram em Pousa, especialmente a irmã Ana, casada com Luís Lopes Leal, pelos quais foi criado, porque perdeu os pais quando ainda menino. Fez doações à Freguesia de Pousa, à Santa Casa da Misericórdia de Barcelos e à Província do Minho quando nesta houve uma enchente, com muitos desabrigados. Encabeçou uma subscrição para doar a Portugal um navio de guerra. Não sei qual foi o resultado dessa iniciativa, talvez a modesta canhoneira fluvial Rio Minho. O nome dele, Manoel

José Gomes, abreviado para Mel. J. Gomes, está gravado no pilar de pedra à direita do portão do Cemitério Paroquial de Pousa. E o retrato a óleo, envergando o fardão da Ordem de Cristo, com espada à cinta e a comenda no peito, está pendurado na galeria dos benfeitores da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos. Ali ele está em muito boa companhia, junto a retratos de gente importante, como Dom Manuel I, o Venturoso, e Dom Teodósio de Bragança, Conde de Barcelos. Em Amparo/SP, Brasil, onde morava, fundou o Grêmio Português de Beneficência, para o qual fez construir imponente sede em estilo manuelino. Pelos muitos e bons serviços que essa instituição prestou à comunidade lusa, Dom Carlos I pespegou no velho Manuel José o título de Visconde de Soutello. Creio que foi o último título concedido em Portugal, porque menos de um mês depois Dom Carlos I, que Deus o tenha, foi assassinado por gente estúpida, que não merecia Portugal como pátria. O pergaminho de visconde já foi assinado pelo sucessor, Dom Manuel II, que os primos franceses da Casa de Orléans chamavam *L'Abeurré* (o Amanteigado). Parodiando Camões, um rei amanteigado faz fraca a forte gente. Foi por isso

que, ao batizar meu filho, optei pelo nome do outro filho de Dom Carlos I, Luís Filipe. É, foi uma homenagem aos Bragança.

A Pousa rural do tempo de meu avô não existe mais, está agora toda urbanizada e moderna. Construção antiga, por lá, só vi a Capela de Nossa Senhora da Esperança. Assim, não foi em Pousa, foi perambulando pelas ruas mais velhas de Barcelos que pude sentir alguma proximidade sentimental com a infância pobre do Visconde meu avô. Sei que ele fazia caminhadas longas, às vezes ia a pé até Braga, acompanhando o cunhado que lhe servia de padraço. No final da vida, repetia uma frase que talvez seja provérbio português: velho que não anda desanda.

Quanto ao Rio Cávado, acompanho a metafísica de Fernando Pessoa a respeito de rios em geral: O Tejo é mais belo que o rio que corre

pela minha aldeia, mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia, porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia. Está claro que Barcelos não é uma aldeia, recebeu foral de cidade durante o reinado de Dom Afonso Henriques. Mas Pousa era uma aldeia na década de 1840, quando meu avô era criança e talvez nadasse no Cávado. Por bairrismo hereditário, para mim o Cávado é mais belo que o Tejo, ao menos no trecho em que corre por Barcelos. Pois, pois.

É hora de fechar a mala e partir. Lá fora está começando a chover. Seria muita pretensão supor que esses pingos, justamente agora, sejam lágrimas de Barcelos na nossa despedida? Francamente, eu preferiria um alegre cacarejar do galo lendário. Cocoricó para ti, Barcelos. *Au revoir*, de leve, que eu vou em frente.



Foto: Divulgação

“Um jardim à beira do mar plantado” que expandiu suas raízes*

ARIADNE RODRIGUES DE MORAES

O primeiro repórter das boas novas – Pero Vaz de Caminha – sobre o descobrimento, já dizia que era uma terra que “em se plantando tudo dá”.

Passaram-se alguns longos anos e eis que D. João VI, traz para a nova terra o progresso no mundo da cultura, educação e das finanças com a criação da Escola de Cirurgia da Bahia,

Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, Academia Militar, Biblioteca Nacional, do Banco do Brasil e do Jardim Botânico. A instalação da Imprensa Régia permitiu a impressão da legislação e livros sendo assim responsável pelas edições brasileiras. Assim como obras que seriam usadas nas escolas agora existentes no país.



Jean-Baptiste Debret
Paisagem do Rio

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação



Jean-Baptiste Debret

E com a abertura dos portos brasileiros ao mundo, muitos estrangeiros passaram a se interessar pela nova colônia, trazendo consigo novas culturas que viriam a enriquecer a recém-existente.

Portanto, o terreno fértil não se limitou a agricultura como se imaginou no início, na visão do repórter, mas se ampliou produzindo uma extensa gama de grandes personalidades que foram projetando o nome da nova terra de Santa Cruz, transformando-a num celeiro de nomes famosos em todos os campos da cultura, colocando a *Terra Brasilis* em destaque no mundo e muitas vezes servindo de exemplo a tantas nações quantas dela foram tomando conhecimento.

Alguns dos nossos cientistas renomados: Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Adolpho Lutz, Vital Brazil. Escritores românticos José de Alencar, Castro Alves e Gonçalves Dias. Os realistas:

Machado de Assis, Raul Pompéia, Aloísio Azevedo. Jorge Amado.

Nas artes plásticas: Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Volpi e a não menos famosa e brilhante Tarsila do Amaral e mais recentemente Lygia Clark.

Na engenharia, arquitetura e urbanismo: André Rebouças, Paulo Mendes da Rocha, Oscar Niemeyer, Lucio Costa.

Na música: Heitor Villa Lobos, Chiquinha Gonzaga, Pixinguinha, Ary Barroso, Cartola, Noel Rosa, Adoniran Barbosa e mais modernamente Chico Buarque, Caetano Veloso e por aí vai...

A lista é infinitamente longa e recheada de variantes que orgulham qualquer cidadão deste país que reconheça nessas personalidades o esforço e a dedicação em demonstrar que, embora inicialmente dispondo de poucos recursos e longe dos grandes centros de cultura e civilização, projetaram o nome de sua pátria visando não só o enriquecimento pessoal, mas o sucesso de sua obra em prol de um bem comum.

Hoje, o Brasil é reconhecidamente um país profícuo com um sem-número de cientistas e pesquisadores, educadores, escritores, artistas e produtores artísticos, teatrais e cinematográficos muito bem alinhados com os grandes centros mundo afora.

*Tomás Ribeiro (1831-1901)

Simplemente Pedro

ALEXANDRE BARROS CASTRO

A América latina durante mais de três séculos não teve pátrias, países individualizados, regiões limítrofes demarcadas sob a natureza de estados independentes e soberanos. Isto ocorreu porque dois países ocuparam esse espaço, Espanha e Portugal. Nesse sentido, foram tais nações europeias que “inventaram” e deram contornos ao novo mundo, o qual o astuto Vesúcio soube propagandear pelos quatro cantos da Europa, afastando de Colombo que primeiro aqui chegara¹ à Ilha de Santo Domingo (atual República Dominicana e Haiti) o privilégio de ver seu nome a batizar tais terras... Nascia e ganhava um nome a imensa porção de terras: América.

O ano de 1822 foi indiscutivelmente o mais importante da história da América latina que hoje tem cerca de 926 milhões de habitantes. Há 200 anos Espanha e Portugal viram-se obrigados a reconhecer a “libertação” de suas colônias. Em 26 de junho de 1822 Simón Bolívar e José de San Martín reuniam-se em Guayaquil,

¹ Apesar das celeumas e mistérios que rondam as navegações de então o primeiro a por aqui aportar foi o genovês Cristovão Colombo, que financiado em grande parte pelos reis católicos, Isabel e Fernando, de Espanha, em 12 de outubro de 1492 chega a uma ilha caribenha que batiza de Hispaniola, atualmente composta por dois países República Dominicana e Haiti.

atual Equador, e davam contornos definitivos no que viria a ser o “Exército Libertador”, com conquista após conquista varreria da América o domínio espanhol. Também há 200 anos, Dom Pedro I, às margens do riacho do Ipiranga, no 7 de setembro rompia os grilhões que prendiam o Brasil colônia a Portugal.

Se Bolívar e San Martín não viram seu projeto panamericano se concretizar, resultando num esfacelamento da unidade da América espanhola² em que vários países inúmeras vezes foram à guerra entre si; a América portuguesa, por outro lado, teve sua unidade mantida a despeito das inúmeras batalhas e levantes internos. Se a independência era merecedora de louros, ainda maiores louvas mereceria a manutenção da unidade territorial... em ambas as faixas um nome desponta: Don Pedro I.

Foi o imperador que personificou nossa independência, mesmo contrariando em grande parte os interesses monárquicos do rei, Dom João VI, seu pai, e mais: foi ele que superando regionalidades e disputas políticas locais, mante-

² O escritor argentino Martín Caparrós em sua obra *Ñamérica* trata com grande maestria dessa “América espanhola” e suas particularidades. Nesse sentido, *Namérica*, Literatura Random House, Espanha, 2021.

ve o território como uma única nação, o Brasil.

As façanhas de Dom Pedro I não pararam por aí. Ele ao regressar a Portugal, aqui deixando seu filho como sucessor, defrontou-se com sangrenta guerra civil por lá, também conhecida como Guerra Liberal, Guerra Miguelista ou Guerra dos Dois Irmãos, em que por cerca de dois anos travou-se disputa pelo trono luso. De um lado, o partido constitucionalista progressista liderado pela rainha D. Maria II de Portugal com o apoio de seu pai, D. Pedro (I do Brasil, IV de Portugal), e do outro o partido absolutista de D. Miguel (irmão de Dom Pedro), apoiado por Carlota Joaquina (mãe de Dom Pedro e de Miguel). Em outras linhas, guerra entre portugueses e mais do que isso, entre irmãos, Pedro e Miguel, tendo a mãe como apoiadora de Miguel.

Vencedor no campo de batalha, mas derrotado na alma e no coração, Pedro morre em 24 de setembro de 1834 de tuberculose, com 35 anos de idade, poucos meses depois da vitória de seu exército liberal.

Em seu testamento, além da repartição dos bens entre seus descendentes, uma exigência é de se destacar: “[...] *não quero que meu enterro seja feito com outra pompa além das honras que costumão³ praticar nos enterros dos Generaes⁴*”. Curiosos que um homem com tantas glórias ao olhar para si, vislumbra-se apenas um militar

e não um imperador, um libertador, um unificador... quiçá a razão estivesse consigo e por certo estava, de fato Pedro foi a vida inteira um militar, um guerreiro.

Pedido explícito de Dom Pedro foi que seu coração permanecesse em agradecimento ao povo portista naquela cidade⁵. Seu último pedido foi atendido e a relíquia encontra-se num mausoléu da Irmandade da Lapa, igreja fundada no século XVIII na cidade do Porto.

Curioso que agora por ocasião das celebrações dos 200 anos de nossa independência, o maior acontecimento seja exatamente o simbolismo de seu coração voltar ao Brasil e não uma espada, uma arma, um par de botas ou algo que melhor representasse a maior característica percebida por si mesmo: ser militar.

Pedro sempre foi um homem dividido. Dividiu-se quando pequeno ante a clara preferência da rainha-mãe, Carlota Joaquina, pelo irmão Miguel; dividiu-se entre muitos amores fugazes ou não; dividiu-se entre a esposa e Domitila de Castro, dividiu-se entre os interesses lusitanos e os brasileiros, dividiu-se... dividiu-se... dividiu-se.

Dentre essas fragmentações constantes dos sentimentos de Dom Pedro I, talvez as maiores estejam por aqui no Brasil. Quem já teve

³ Grafia original.

⁴ Idem.

⁵ O respeito e carinho de Dom Pedro pela cidade do Porto e sua gente, advém dos 13 meses (de julho de 1832 a agosto de 1833) em que lá viveu, quando a cidade estava sitiada pelas tropas de seu irmão Miguel.

a curiosidade de ler as cartas escritas por ele a seu filho Pedro, Dom Pedro II, vislumbra claramente um pai dilacerado pela distância de um filho com o qual mal conviveu. Também naquelas missivas fica claro, como sempre textualmente o disse, a falta que sentia do Brasil e sua gente.

Após 200 anos ainda que de passagem, Dom Pedro I volta não como general, mas como “sentimento”, como “alma”, como “coração” para a terra onde está sua gente e sobretudo, onde repousa seu amado filho, Dom Pedro II.

Enfim podemos bradar não ao imperador,

não ao militar, mas ao homem simples que era: VIVA PEDRO, SEJA BEM-VINDO À SUA TERRA, À SUA GENTE! Certamente junto a esse coro noutra plano, haverá um: “OBRIGADO PAI...” enfim pai e filho se encontrarão. Só Portugal e Brasil e essa extraordinária odisseia humana que nos une, poderia proporcionar-nos tal reencontro.

SALVE PORTUGAL!
SALVE BRASIL!
VIVA PEDRO!



5. Partie.

PL47.



J. B. Debret del.

Lith. de Thiery Frères.

ACCLAMATION DE DON PÉDRO I^{er} EMPEREUR DU BRÉSIL;
au camp de S^{te} Anna, à Rio-de-Janeiro.



Acclamação de Don Pedro I^{er} Imperador do Brasil; no campo de Sta Anna, à Rio de Janeiro.
Gravura contida na obra *Voyage pittoresque et historique au Brésil, ou Séjour d'un Artiste Français au Brésil, depuis 1816 jusqu'en 1831 inclusivement, époques de l'avènement et de l'abdication de S. M. D. Pedro I^{er}* de Jean Baptiste Debret, publicada em Paris entre 1834-1839.
Obra rara do acervo bibliográfico do Arquivo Nacional. OR_1909_v.3_pl47

Cartas Portuguesas

Literatura Confessional da Sórora Mariana Alcoforado

FABIANA VIANA MOUTINHO

Mariana Vaz Alcoforado nasceu no dia vinte dois de abril de 1640, Beja, sub-região do Baixo Alentejo, Portugal. Entrou para a clausura do Convento de Nossa Senhora da Conceição com apenas 12 anos. Ao longo de sua permanência na vida religiosa exerceu as funções de escritã e de vigária. No ano de 1663 teria conhecido um oficial francês que serviu em Portugal, o Marquês Noel Bouton de Chamilly, que lutou durante as guerras da Restauração.

As *Cartas Portuguesas*, publicadas na França (*Lettres Portugaises*), seriam as correspondências amorosas mantidas entre eles quando do retorno do oficial ao seu país.

A história destas cartas começa quando o texto é publicado em 1669, na França. Na primeira edição, o editor francês fez a seguinte nota para apresentar o livro:

Conseguí, à custa de muitos trabalhos e dificuldades, recuperar uma cópia correta da tradução de cinco cartas portuguesas que foram escritas a um nobre gentil homem que servia em Portugal. Todos os que conhecem os sentimentos do coração



Foto: Divulgação

humano são unânimes ou em louvá las ou em procura las com tanto empenho que julguei prestar lhes um bom serviço imprimindo as. É difícil que não acabassem por aparecer com erros de impressão que as teriam desfigurado*.

Esta manobra de sonegar o nome da autora gerou curiosidade de vários autores como Stendhal, La Bruyère, Jean Jacques Rousseau, Rainer Marie Rilke entre muitos outros.

Em 1810 o periódico francês *Journal de L'Empire* publica a descoberta feita pelo escritor francês Boissonade, de um exemplar onde o nome de Mariana estava anotado e também o destinatário.

As *Cartas Portuguesas* são um exemplo do estilo barroco, mas se diferenciam pelo amor intenso, ansiedade e a entrega sem exigências, símbolo do amor total.

A obra mostra a paixão amorosa, a condição vulnerável da mulher e o amor impossível, pois quando amamos ficamos indefesos precisando da pessoa amada ao lado. Essa angústia de Mariana era potencializada por sua vida clerical e as decepções de um amor não correspondido.

Na terceira carta, Mariana em um trecho mostra sua dor pelo desprezo de seu amado:

Que irá ser mim e que queres que faça?
Como estou longe de quanto havia previsto!
Esperava que me escrevesse de todos os lugares por onde passasses e que as tuas cartas fossem muito longas. Esperava que alimentasses a minha paixão com a esperança de voltar a ver te, que uma total confiança na tua fidelidade me daria um certo

repouso, que ficaria, em qualquer caso, num estado bastante suportável, sem extremos de dor...*

Penso que a obra em questão ultrapassou os tempos, mantendo em seu cerne as inquietações dos sentimentos, visto que o contexto onde aconteceu pode se repetir. As cartas não foram escritas para serem publicadas, mas apenas como um desabafo de uma mulher apaixonada.

Segundo Rainer Maria Rilke:

A voz de Mariana (...) é uma das mais valiosas e maravilhosas em todos os tempos hoje como no passado.

Deixo aos leitores um convite para conhecerem as cartas de Maria Alcoforado, tenho certeza que seu conteúdo tocará de forma profunda as inquietações de quem ama ou já amou e viveu as incertezas de um relacionamento.

* Mantido com a grafia original.

Bibliografia:

ALCOFORADO, Mariana. *Cartas Portuguesas*. São Paulo, L&M Pocket, 2007.

Um casal brasi-luso viajando

ARISTIDES ALMEIDA ROCHA e IVANE DE SOEIRO ROCHA

Quando em 1986, pela primeira vez viajamos a Portugal, ainda não tínhamos a dupla cidadania. Contudo, em outras travessias do Atlântico, já nos anos 2000, éramos de fato (ou de *facto*) documentados por lei, também portugueses.

Ao nos apresentarmos no aeroporto, embora pudéssemos entrar na fila dos cidadãos da comunidade comum europeia, por engano seguimos a dos estrangeiros e ao ser atendidos no guichê apresentamos os dois passaportes, o brasileiro e o português. O policial então sorrindo exclamou: “*Ora, pois não será por falta de documentos, afinal vós sois brasileiros e portugueses ou portugueses e brasileiros?*”

Realmente, ambos de ascendência portuguesa: filhos, netos, bisnetos com a dupla cidadania, orgulhosamente circulamos pelas icônicas ruas de Lisboa, do Porto, de Coimbra, Viseu e de outras cidades. O desejo de vivenciar nossa pátria de além-mar havia se tornado uma constante e quis o destino que fôssemos contemplados com essa possibilidade quase vinte anos depois de nossa união, em 1969, quando atendendo a um programa de estudos de pós-doutorado, em 1986, pudemos viajar conhe-



Foto: Divulgação

cendo alguns países do continente europeu; e Portugal até por nossas raízes foi especial.

Após essa viagem inicial, felizmente, outras haveriam de se suceder como registramos neste significativo ano de 2022, a atestar de modo óbvio que nossas histórias estão inextricavelmente unidas. Em verdade, desde o descobrimento, ou achamento do Brasil por **Pedro Álvares Cabral** em 1.500, da carta de **Pero Vaz de Caminha**, verdadeira certidão de nascimento da “Ilha de Vera Cruz” ou das “Terras

de Santa Cruz”, enfim do Brasil de língua portuguesa, jamais as duas nações deixaram de ser interdependentes.

Precisamente neste ano de 2022, comemora-se o bicentenário de nossa Independência, que foi proclamada por **Dom Pedro I do Brasil** ou **Dom Pedro IV de Portugal**, um nobre português, a 7 de setembro de 1822. Em 1831 ele abdica em favor de seu filho, o brasileiro **Dom Pedro de Alcântara**, que se torna regente e imperador até a Proclamação da República do Brasil a 15 de novembro de 1889. Com a queda da monarquia, permaneceu exilado, mas sempre saudoso do Brasil. E neste ano de 2022, novamente Portugal e Brasil se aproximam ao se completar cinquenta anos do traslado do corpo de Dom Pedro I que voltou às plagas brasileiras, repousando no exato lugar em que se deu o famoso grito de seu pai: **Independência ou morte!**

E cem anos atrás, de novo Brasil e Portugal simbolicamente se uniam na pioneira travessia aérea do Atlântico Sul comemorando o centenário da independência, quando os portugueses **Sacadura Cabral** (piloto) e **Gago Coutinho** (navegador), amerissaram o hidroavião, batizado Santa Cruz na Baía da Guanabara, na cidade do Rio de Janeiro. Mas essa epopeia é preciso que se diga, envolveu de tal modo Portugal e Brasil que fica impossível separar as duas nacionalidades.

Quando deixaram Lisboa a 30 de março de 1922, voavam com uma aeronave batizada de **Luzitânia**, mas ao chegar a Fernando de Noronha, inúmeras avarias e acidentes fizeram com que, inicialmente o governo português substituísse a aeronave por outra que recebeu o nome **Pátria**. Infelizmente, devido a outro percalço, precisaram de novo auxílio que agora viria do governo brasileiro enviando um terceiro hidroavião, então batizado com um dos primeiros nomes da nação brasileira **Santa Cruz**, e assim a 17 de junho de 1922, após 79 dias, 62 horas e vinte minutos de voo, vencendo a distância de 8.383 quilômetros, a homenagem à Independência seria concretizada; o Luzitânia de Portugal e o Santa Cruz do Brasil, uma vez mais, simbolicamente uniram lusitanos e brasileiros.

Então, sem sermos pretenciosos vamos às narrativas de nossa particular vivência brasi-lu-



sa. Na realidade, já antes o fizemos publicando pela editora In House *Brasil e Portugal – Unidos nas Diferenças* e *Uma Noite no Marialva* dissertando sob aspectos da língua e da música nos países de **Luiz de Camões** e de **Machado de Assis**.

Ainda sob os efeitos do *jet lag* ao descer a Avenida da Liberdade em Lisboa, a bordo de um autobus de turismo, a rapariga alertou, a próxima “paragem” é a Torre do Tombo. Não escondendo a ansiedade descemos indo em direção à Biblioteca Nacional pretendendo complementar alguns dados de nossa já extensa árvore genealógica, assunto para nós fascinante por permitir conhecer elos de nossa ascendência, evidenciando o verdadeiro sentido do que é a humanidade; somos todos irmãos.

Dias depois após caminhar pela Alfama e Mouraria, ouvir guitarras e fados, sentir o aroma dos temperos, da bacalhoadada e da alheira, degustar taças de vinho, partimos para a aldeia do **Mezio** onde tios e primos, embora não nos esperassem, rapidamente prepararam as boas-vindas. O tio José exclamaria: “*Eu diria, diria, que estou estupefacto*”. Sim, afinal estava conhecendo um sobrinho de 49 anos, filho de seu irmão caçula que havia falecido no Brasil em 1947. Foi uma surpresa e tanto. No Mezio com suas casas de pedra cobertas de colmo e estreitas ladeiras de irregular calçamento, em remotos tempos de 1920, meus pais, os Rocha, lado a lado se dirigiam à missa, aos campos pastoreando as ovelhas, ou numa escapada fortuita à fonte e chafariz situados no cimo da aldeia, para

namorar. Poucos anos depois, casados, migrando ao Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, teriam dois filhos varões, e estreitando ainda mais os laços Brasil-Portugal a filha nasceria em Portugal.

Percorremos o terreno montanhoso seguindo os mesmos caminhos pedregosos em que, ainda muito jovens, pastoreavam carneiros e vacas, lembrando que ali, segundo eles, encontraram pedras com inscrições mouras.

Foto: Divulgação



Mas tentando aclarar outros mistérios de nossas ascendências, partimos em direção à **Vila de Soeiro do Chão** na província da Beira Alta, Serra da Estrela à procura de informações sobre as origens dos Soeiro.



Foto: Divulgação

Igreja Matriz da Vila de Soeiro do Chão

Deixando essas divagações lembramos que numa das viagens, após longo trecho da estrada que estava sendo recapeada deparamos com uma placa que dizia “*Fim do troço em obras*”, o que aqui no Brasil seria grafado como “*Fim do trecho em obras*”; foi uma surpresa. Mas o mais intrigante ocorreria num outro dia quando em direção à cidade de Arraiolos para comprar os famosos tapetes repentinamente avistamos

outra placa com os dizeres “*Se queres um bom melão, então carregue no travão*”. Por aqui diríamos: “*Se queres um bom melão então aperte o freio*”; estamos unidos nas diferenças.

Concluindo estas breves recordações de um casal brasi-luso viajando, partimos no comboio, opa... no trem, passando por Aveiros, até a cidade do Porto e dentre tantas idas e vindas às margens do Rio Douro na Ribeira e na Vila Nova de Gaia, reservamos uma tarde para na Rua das Carmelitas n° 144, visitar a Lello e Irmão, uma das mais famosas livrarias do mundo. Ali nas escadarias trabalhadas em madeira de piso vermelho sentimos o clima mágico daquele ambiente que existe desde 1869, conhecido inicialmente como Livraria Internacional de Ernesto Chardron. Posteriormente vendida à Mathieux Lugan, passou depois aos irmãos José e Antônio Lello, que a batizaram com o atual nome, tornando-se referência no universo dos livros.

Esse emblemático estabelecimento, pensamos é o cenário ideal para encerrar esta narrativa, e parafraseando Jorge Luís Borges:

*“sempre imaginamos
que o paraíso possa ser
uma espécie de livraria”.*

À margem do Tejo

SUSANA FERRETTI

Estava diante de mim o Tejo, em uma tarde de um dezembro não tão frio, mas um pouco chuvoso. Muitas pessoas, um burburinho de vozes, e, bem ao longe, ecoava uma música. Fui me aproximando e aos meus olhos descortinavam-se elementos e mais elementos arquitetônicos: o piso de pedras primorosamente assentadas; os prédios ladeando a Praça do Comércio iam ficando para trás; um pátio se abria e duas colunas de pedra, lindamente torneadas,

demarcavam o espaço em que a água do rio vagorosamente adentrava ao piso em um contínuo ir e vir. Ouvia-se, então, a voz de uma jovem cantora a interpretar *Killing Me Softly With His Song*. (1)

Confesso, o surpreendente encontro com o Tejo fez com que, por segundos, eu não ouvisse aquela música, mas, assim que o som adentrou à minha alma, consegui abraçar a emoção que passou a dominar meu coração.



Naquele momento, lembranças de fatos de toda minha vida surgiam defronte ao meu olhar pelas suaves ondas do Tejo. A razão de tantos acontecimentos, a própria coragem em fazer aquela viagem sentindo incessantes dores e a descoberta de uma cultura que, embora nos seja próxima principalmente pela língua, contém elementos díspares em vários detalhes do cotidiano.

Mas alma e coração juntaram forças para registrar em fotos aquele mágico encontro. A surpreendente coincidência de ser aquela música a embalar o momento pareciam ser um presente e um acolhimento muito significativo.

“Me matando suavemente com sua música”, em tradução livre, foi o mote musical do texto que o editor e amigo Márcio Martelli redigiu para apresentação do meu primeiro livro de poesias, *À Luz da Lua*.

Enquanto tudo acontecia dentro de mim, eu podia sentir a voz das águas a me dizer: “você está certa na escolha pela poesia, é seu destino”.

Impregnava-me a sensação de que a poesia foi, é e será uma das preponderantes razões do meu viver. O desfolhar em versos a dor pelo amor que se foi ou a alegria pelo amor presente, os gritos que brotam da alma ante a realidade, em diversos aspectos, são o viver, o meu pequeno fragmento diante da vida.

Os aplausos à jovem cantora me despertaram e trouxeram-me à realidade, não por muito tempo, para novamente embriagar-me com a canção seguinte, que me obrigou a conter lágrimas:

“Ali

Eu soube que era amor para a vida toda
Que era contigo a minha vida toda
Que era um amor para a vida toda” (2)

Foi ao som desses versos que fui, lentamente, afastando-me do Tejo para continuar a andar por Lisboa, com a convicção de que, na minha alma, “[...] era contigo a minha vida toda / [...] era um amor para a vida toda”, mas que não foi real e, ao contrário dos meus sonhos, vou seguindo só, ainda que leve cá dentro, comigo, o amor ao lado de tudo que é a minha vida, até mesmo a fortaleza que aprendi a ser.

(1) *Killing Me Softly With His Song* - Compositores: Norman Gimbel, Charles Fox – intérprete Roberta Flack

(2) *A Vida Toda* - compositores: Carolina Deslandes, Diogo Clemente – intérprete: Carolina Deslandes

Santo António de Lisboa?

ADÉLIA DIACUI CRUYER FOUTONATT PAGOTTI

A manhã estava fria, senti quanto tirei os braços fora da coberta para ligar o celular e verificar a hora: cinco e vinte e quatro. Levantei, procurei uma roupa quentinha e fui olhar o dia lá fora. Era 13 de junho, dia em que fazemos memória a Santo Antônio. Quando criança ouvia as pessoas dizerem que Santo Antônio é de Lisboa, outras que é de Pádua, mas para mim ele sempre foi Santo Antônio do Brasil. Bem, o dia estava lindo, o inverno está chegando, pensei. Olhei a mata toda esfumada, a grama e as folhagens do jardim orvalhadas e as pétalas das rosas pingando gotículas de água. Aproximei-me e, tocando-as, teci-lhes um elogio, pois se apresentavam belíssimas. Em seguida, enquanto passeava para admirar o verde ao redor, olhei para o alto e lá estava o sol, belo, suave e majestoso; puxei conversa: “Que belo trabalho você faz neste fim de outono e, com certeza, fará no inverno e início de primavera. Lentamente vai secando, com seus raios dourados, todas essas criaturas. Invejo as rosas, é como se você as beijasse demoradamente, deixando-as ainda mais belas”.

Com esse sentimento, fiz uma viagem a um passado distante. Sempre fui romântica ou me

tornei depois de velha? Não, eu sempre fui romântica e sonhadora, o fato é que não me lembro muito de dias frios, a não ser os das festas dos santos Antônio, João e Pedro. Sempre achei o dia de Santo Antônio, o mais frio de todos, mas éramos aquecidos pelo calor das fogueiras que se fazia nos quintais. Como eram belas! Muitas famílias trançavam cordões repletos de bandeirolas em seus quarteirões, muitas preparavam festas em seus quintais e convidavam toda a vizinhança. Revezavam as festas dos santos nas casas, pois sempre havia uma que organizava. Havia os devotos de Santo Antônio, os de São João e os de São Pedro, mas os convidados eram os mesmos, se bem que participava quem quisesse. A maioria colaborava levando pratos deliciosos como angu, salsicha, pamonha, pipoca, carne moída, pão caseiro, broa, bolo de fubá, amendoim, pipoca e aí a festa começava a ficar doce, era rapadura, doce de abóbora, doce de mamão, cocada, paçoquinha, doce de leite, chocolate quente, mas o galã da festa era mesmo o quentão. “Êta bicho bão”, era o que diziam. Depois, a alegria aumentava com a chegada do sanfoneiro; era quando as mulheres, moças e crianças exibiam seus ves-

tidos coloridos, seus laços prendendo o cabelo ao meio com o penteado “Maria Chiquinha” e se preparavam para tomar seus pares: homens, rapazes e meninos com suas camisas xadrezes, calças curtas com simulação de remendos coloridos e sapatão nos pés.

Alguém gritava: “E vai começá a quadria pessoá, mais antis nós vai assisti o casório”. E então surgia a noiva toda tímida, com as maçãs do rosto pintadas com blush vermelho, um vestido em modelo antigo, e o noivo vinha com um terno apertado e bem desengonçado. Para completar a alegria vinha alguém de batina fazendo o papel do padre e então se iniciava a cerimônia. Era tudo belo, alegre e respeitoso. Após o casório, começava a quadilha e o baile continuava com o sanfoneiro tocando arrasta-pé até o final da festa. Vez ou outra, um adulto pegava da fogueira um graveto fumegando e acendia o estopim do canudo de papelão e então se ouvia um estrondo. Todos voltavam o olho para o alto numa encantadora expectativa e quando explodia uma gama de cores pintava o céu, formando algo como se fosse um chuveiro: faíscas verdes, azuis, roxas, amarelas, vermelhas... Lindas faíscas de todas as cores se espalhavam tornando o espetáculo incrível de se ver. Tinha também um fósforo grande que, aceso,

girava e ia devorando a si mesmo, formando um círculo todo azul, ou todo verde. Sem contar o busca-pé. Quando solto, cabriolava, para um lado, para o outro, subia, descia sem rumo nem direção. A criançada, a princípio, ficava no caminho para depois correr daquele canudo louco que mais parecia um míssil desgovernado.

Bons tempos, pensei. Então, tentei me lembrar qual dos três santos era o mais festejado. Não havia concorrência, não, mas não posso negar que Santo Antônio era o queridinho da moçada. Difícil era encontrar uma moçoila que não houvesse feito no dia 13 de junho, um pedido ao santo tido como casamenteiro. Eu mesma! Lembro-me que, numa quermesse da Paróquia, entrei na igreja e pedi: “Meu querido Santo Antônio, sou nova aqui, mas gostaria de, além de morar nesta cidade, encontrar um rapaz de caráter, com ele me casar e formar uma família, faz isso pra mim?”. O que eu sei é que consegui o namorado e casei-me com ele, permaneço casada até hoje. Formamos uma família feliz com dois filhos e dois netos, uma menina e um menino.

Hoje guardo e cultivo essa devoção a esse grande taumaturgo que aprendi a amar e admirar.

VIVA SANTO ANTÔNIO!

ADÉLIA DIACUI CRUYER FOUTONATT PAGOTTI

Bem querer

Cantando eu te conheci
À beira do rio Tejo e, com carinho, sorri
Minha alma de alegria vibrou
Quando, na melodia pronunciou
“Minha querida!”

Encontro fecundo
Não há mais ninguém neste mundo
Que o fado cante tão bem
Só se vier do além
Não quero!

Veja! A flecha do querubim!
Ai de mim se não for amada enfim,
Por você, doce rapaz
Pois sei que será capaz
Assim espero!

Além do oceano

Além do vasto oceano, a distância nos separa
Pátrias irmãs que rompem os laços
Torna impossível os abraços
Que um dia nos acalentaram.

Tão distante dos meus olhos
Contudo, em meu coração
Que dolorido de paixão
Faz os meus dias chorosos.

Chamo o vento lusitano
Para com fúria me levar
E contigo te encontrar
Esse coração humano.

Portugal, sua pátria querida
E eu com o meu querido Brasil
Estaremos com este vazio
Em nossas almas, por toda vida?

Matriz de Santo Antônio, Tiradentes/MG



Cara velhas no Brasil

MARA LÍGIA BIANCARDI



Caravelas se afrontando,
cara velhas desbravando,
terras sem fronteiras,
mares sem sobrenomes.
De um erro agravante,
descobre a América.
“Este és tu Colombo”.
Em seguida um mar de especiarias,
Vasco da Gama na Índia.
Mais um erro perdido,
o velho Cabral
avista um monte
que recebe o nome de Pascoal.
Passa por Vera Cruz, Santa Cruz,
surgindo no mapa
o nosso Brasil.
“Gracias” Portugal e Espanha,
“gracias” caravelas perdidas,
pois sem tal coragem,
Manuéis e Marias
não viveriam aqui.
E, agora, chegou aos seus 522 anos.
Uma Terra de lutas e conquistas
onde muita coisa foi construída.
Terra de amor, força e paz,
só não tem quem não a faz.
Terra de abundância, alegria e beleza,
com um povo que não nega a sua raça brasileira.
Em dias de festas, muito samba.
Em dias de dor, resistência e amor.
E isso é só
um pouquinho de
BRASIL.

Redemptio

JOSÉ FELICIO RIBEIRO DE CEZARE

Processos emancipatórios são rupturas e, processos desintegradores de *status quo* trazem em si a percepção de uma sociedade desestabilizada, em frangalhos, na qual o caos se instalará... o caos será instalado em quem se emancipa ou quem perde o controle sobre o outro?

A Primavera Árabe, por exemplo, veio com o propósito de derrubada de governos autoritários no norte do continente africano e Oriente Médio, governos instituídos pelo poder estadunidense como ferramenta de luta durante a Guerra Fria. Interessante perceber que tais governos são autoritários desde a sua instauração, todavia, não atendem mais a demanda de luta contra o “perigo constante do comunismo”, pois desde início da década de 1990 o tão perigoso ideal comunista se desfez com o fim da URSS.

Mas os governos, antes representantes do interesse estadunidense, agora defendem “sua soberania” – lembrando do abandono financeiro estadunidense, o que invariavelmente criou certa aproximação com os governos russo e chinês –, assim, uma “ruptura” se fez necessária. A quem o processo emancipatório conhecido como Primavera Árabe interessou? Era interessante para as populações dos países em processo? Era interessante ao grande capital e seus interesses na região?

O petróleo e o gás natural mais uma vez estavam no olho do furacão.

Curioso mesmo foi o empenho virtual para o desencadeamento dessas ações, a participação da juventude na luta pela derrubada de um governo, as imagens são mais complexas – vale o aprofundamento por canais de informação mais confiáveis que o normal – não cabendo aqui a elocubração geral. Enfim, mudanças políticas infladas por comoção e mobilização social e participação ativa da juventude sempre são bem-vindas. Será?

Olha a piada que foi a Lava-Jato e os juízes heróis! Golpe à vista!

Saber quem ou qual grupo encabeça o movimento é mais interessante, a partir dessa informação pode-se afirmar ou não o quão bem-vindo o movimento se faz.

Há mais de uma década – estamos em 2022 – viu-se pelo mundo um novo crescimento de uma Direita conservadora, ainda mais retrógrada e escancarando seu fascismo subjacente. Numa onda mortal contra os governos progressistas pelo mundo, criou-se mobilizações, sempre impelidas pelo mundo virtual, arrebanhando todos que de alguma forma eram tocados por discursos de ódio (uma repaginação da assombrosa TFP – Tradição, família e propriedade),

balizados pela religião e os “bons costumes” a máscara pelo bem e belo foi colocada, mas a história... farsa e tragédia voltam à tona. E, mais uma vez o fascismo, o higienismo, o racismo – esse tripé do capitalismo atual – apresentaram suas garras ao mundo.

Não foi difícil tomar espaço, haja vista o perfil de quem controla e cria o mundo virtual. O Brexit, eleição de conservadores pela Europa, Ásia e Américas... a Cambridge Analytica fez bem seu papel, Steve Bannon, think tanks e elites do atraso foram além das expectativas.

Uma reflexão:

Um processo emancipatório bastante interessante foi o do Haiti, liderados por membros da população escravizada, tornou-se o primeiro país a abolir a escravidão e no início do século XIX declarou sua independência da França, após muita luta. Mas precisou ainda encarar duas invasões: Espanha e EUA, este último investindo fortemente na instalação de governos autoritários com a desculpa de “defesa dos interesses norte-americanos no país”. A degradação e desestabilização econômica atual são heranças diretas da não permanência de sua soberania. Algo que, talvez, o Brasil tenha conquistado estranhamente, mantendo as características de opressão da Coroa e sua relação com ela, mas da mesma maneira que os EUA, “defendendo a liberdade”.

A independência do Brasil foi um “Frankenstein político”, foi encimada por uma elite escravagista – que via nas imposições de seu maior

parceiro econômico (Inglaterra) contra o tráfico de escravizados, um grande empecilho –, apoiadora de um líder (filho do rei português) ligado às raízes, mas defensor de um país livre. A independência foi financiada pela Inglaterra e por ela reconhecida primeiramente. Obviamente, ao declarar independência de Portugal, o Brasil estaria “livre” para comercializar direto com a Inglaterra, lembrando que uma de suas maiores colônias havia conquistado a emancipação no século anterior.

O tal Frankenstein político fica ainda mais surreal quando o Augusto Imperador do Brasil independente, D. Pedro, abdica do trono brasileiro para que sua família não fosse deposta em... Portugal. No Brasil ficou seu pequeno filho, D. Pedro II, como seu sucessor.

O processo emancipatório brasileiro foi ideológica e economicamente contra Portugal, porém trocou apenas de opressor ao tomar a Inglaterra como parceiro. Afirmar algo sobre presença portuguesa no Brasil é desnecessário, todavia o Brasil permaneceu existindo, assim como outros territórios dominados pela Coroa Portuguesa, sem depender de Portugal. Agora uma provocação: o tão gigante pioneiro das Grandes Navegações, apesar de sua influência pelo mundo, consegue viver sem depender dos povos por ele oprimido e sem abrir tantas benesses aos viajantes brasileiros para trabalhar em suas terras? Seria isso uma necessidade para manter-se vivo ou uma redenção? Talvez, a ida de tantos brasileiros para Portugal seja um processo decolonial!

Tributo a “Francisco Ângelo Borsoi”

Líder estudantil da Zona Norte /SP

ALBERTO GABRIEL BIANCHI

Uma noite – 1962 – logo no início das aulas, nosso diretor, Dr. Amélio Justino Bastos, entrou na sala de aula, acompanhado de um jovem vermelho, saltitante, meio baixo e falador que se identificou como Antônio Carlos Namur Yazbek, do Movimento Estudantil Católico.

Antônio Yazbek, fazia parte da UPES – União Paulista de Estudantes Secundários na década de sessenta. Estudou Ciências Sociais e tornou-se jornalista, profissão que exerce até hoje. É Diretor Geral da *Editora Giro News* em São Paulo.

Naquela ocasião, Yazbek fez uma pequena preleção sobre o momento político pré-1964 e a importância da militância estudantil para mudar o movimento social.

Estava convocando jovens para um final de semana de palestras e reuniões na Igreja Nossa Senhora da Salete, na Rua Dr. Zuquim, em Santana. Levantamos as mãos, eu e o João Pimentel, mas disseram que queriam os mais velhos. Éramos muito jovens.

Foram escolhidos alguns que acabaram não comparecendo a tal reunião.

Diante do desinteresse dos mais velhos, lá fomos nós na semana seguinte. A partir daí, tudo

mudou nas nossas vidas. Na verdade, tratava-se de uma iniciação à JEC – Juventude Estudantil Católica que acabou tendo grande importância na nossa vida futura e toda minha militância no movimento estudantil que culminou com a criação da Comunidade Estudantil da Zona Norte – CEZN, da qual o Pimentel foi vice-presidente e que tinha como presidente Francisco Ângelo Borsoi.

Aquele grupo de estudantes realizou um dos mais importantes eventos políticos e sociais de São Paulo, o grande e inesquecível Congresso Estudantil da Zona Norte – CEZN, no Colégio Luiza de Marillac, na Rua Voluntários da Pátria, em Santana. Ali foram amplamente discutidos assuntos ligados ao ensino público, a importância dos estudantes no processo de democratização do país, meios de atuar junto aos jovens carentes e que necessitavam de acesso ao conhecimento.

Daí nasceu o “Banco do Livro Didático” que acabou servindo de modelo para outros bancos semelhantes mais de 20 anos depois. Para se ter ideia da repercussão dessa iniciativa, o repórter da TV TUPI, José Carlos de Moraes, o Tico-Ti-

co citou a realização do Congresso e depois a criação do Banco do Livro Didático em seu programa diário na televisão, chamado “Bolso de Repórter”.

Carlos Spera, editor chefe do *Diário de São Paulo*, também mencionou a criação do “Banco do Livro” em sua coluna no jornal e na Rádio Difusora, na qual fazia entradas como repórter.

Nos dias que antecederam o congresso, eu fazia parte da equipe de “pichação”. Passávamos a madrugada toda “pichando” muros. O texto do Pimentel, que pintou na região da Água Fria e Tucuruvi era: “PARTICIPE DA PRIMEIRA SEMANA DE JUSTIÇA SOCIAL DA ZONA NORTE”. O núcleo distribuidor da tinta que usávamos ficava na casa do Yazbek, em Santana. Quem tinha carro emprestava para transportar a tinta e os pichadores.

Os pais do João Pimentel, tinham muito medo daquilo tudo. No segundo dia de pichação, o trancaram no banheiro para que ele não fosse. Sua irmã, Germana, inadvertidamente abriu a porta e se surpreendeu ao vê-lo preso daquela forma e o liberou. Naquela noite pichamos eu e o Carlos Roberto da Silveira, até quatro horas da madrugada. Numa das esquinas da Avenida Água Fria, já cansados, paramos junto a uma grande padaria, de onde exalava um cheiro delicioso de pão. Ela ainda estava fechada. Estávamos famintos. Batemos na porta dos fundos e

conseguimos uma generosa doação do padeiro, duas bengalas deliciosamente quentinhas que devoramos heroicamente.

Por incrível que pareça, ainda podíamos, naqueles anos 60, ficar na rua até tarde sem grandes ameaças. Creio que hoje seria impossível. Hoje os pichadores trabalham com equipes de segurança e os movimentos organizados são menos românticos e mais profissionais.

Numa das sessões do Congresso Estudantil compareceu o Ministro da Educação da época (1963), Paulo de Tarso (Santos), que com o golpe militar de 31 de março de 1964, que depôs o Presidente da República João Belchior Marques Goulart (João Goulart ou Jango como era conhecido), seu mandato foi cassado e seus direitos políticos suspensos por dez anos e, em julho de 1964, foi preso e depois posto em liberdade. Mais tarde tornou-se Secretário de Educação de São Paulo, no governo de Franco Montoro, entre 1983 e 1985. Outra grande personalidade da época fez uma das palestras do Congresso, o Padre Eugène Charboneau. Falou de sociologia, da educação de base por meio da cultura e outros temas magníficos, ainda atuais.

Uma das decisões do Congresso foi criar o Banco do Livro Didático. Ele foi fundado e funcionou numa das salas do Colégio Luiza de Marilac. Muitos dos nossos saíam de casa em casa, com carrinho de mão para conseguir as

doações. Conseguimos uma quantidade gigantesca de livros, todos didáticos que viriam a servir muitos estudantes que não tinham recurso nem programas governamentais para adquirir livros. O movimento não tinha cunho político partidário.

Visávamos uma sociedade mais justa, maior participação da comunidade nas decisões. Era um socialismo cristão puro, sem maldade, sem guerra, apenas uma sadia ideologia, que diferenciou o jovem de nossa geração. Mesmo assim nossa sede foi invadida e nossos livros foram levados embora. Quem não aceitasse o pensamento único do autoritarismo estava contra as instituições, assim, linearmente, sem qualquer forma de discernimento, de justiça.

A eclosão do movimento revolucionário de 1964, tornou todos os movimentos estudantis ilegais.

O presidente Francisco Ângelo Borsoi, morreu com um tiro acidental de mosquetão, na cabeça, por volta das 6h da manhã do dia 28 de maio de 1965, ao ser acordado, no Parque da Aeronáutica, conforme divulgado pela imprensa à época dos fatos e como foi recordado e narrado por mim um ano depois para um jornal da Zona Norte. Francisco tinha apenas 19 anos de idade.

Alguns dias antes havíamos feito uma reunião informal sobre os rumos do movimento

estudantil depois da revolução. Pretendíamos traçar novos planos para o movimento, como resistência à revolução por intermédio da conscientização e movimentos públicos. Iríamos marcar um encontro mais amplo assim que ele voltasse do quartel. Quem me deu a notícia de sua morte foi o Gilberto Ottani, na minha casa, quando me aprontava para ir para a casa do Borsoi, exatamente para agendar essa reunião. Gilberto, ex-aluno de Vila Mazzei, também era militante do movimento, infelizmente já falecido.

Dentre vários companheiros, fizeram parte do movimento estudantil, os alunos do Ginásio Estadual da Vila Mazzei Jairo (Alves de Mello), Alberto (Gabriel Bianchi), Carlos (Alberto Silveira) e Gilberto (Ottani) que atuaram no congresso ocupando cargos importantes.

No dia anterior à morte do Borsoi que estudava no Colégio Estadual Albino César, por volta das 10h da manhã encontrei-o com um livro nas mãos, intitulado Complexo Militar Industrial e que fora emprestado pelo Yazbek – no ponto de ônibus da Rua Domingos Calheiros, nas proximidades do antigo Cine Valparaíso. O Francisco Ângelo estava indo para o Parque da Aeronáutica, em Cumbica eu indo para o cartório no qual trabalhava no centro da cidade. Trocamos ideias sobre a situação do país, idealistas, como éramos, partimos para o cumprimento dos deveres do dia.

No dia seguinte veio a trágica notícia sobre a morte do grande líder estudantil da Zona Norte.

Disse Yasbek: “Bianchi foi o último colega do grupo que o viu com vida”.

Da Aeronáutica seu corpo retornou sem vida, todavia como herói pelos grandes serviços prestados à classe estudantil.

Eu me recordo que todas as escolas da Zona Norte de São Paulo foram informadas do ocorrido e prestaram suas homenagens. O Francisco Ângelo Borsoi, teve um enterro digno de um ser humano honrado que viveu pouco, mas dedicou sua vida a uma causa importante. Lembro, também, que a saudação de despedida de Borsoi, no velório, foi feita por João Carlos

de Souza Meirelles, vereador de São Paulo, entre 1964 e 1972, depois nomeado Secretário da Ciência, Tecnologia, Desenvolvimento Econômico e Turismo do Governo Geraldo Alckmin de São Paulo em 2002.

Todos o admiravam: os jovens, os idosos e os estudantes.

Em 2005, quando do lançamento do meu livro *Celebridades Amor & Amizades* em São Paulo, conversei com familiares do Francisco Ângelo Borsoi: Maria Aurélia Borsoi, irmã e Senhora Ana Borsoi, tia. Falei, ainda, com Antônio Carlos Namur Yazbek e sua irmã Elizabeth Yazbek Gomieiro, no sentido de me prestarem maiores informações sobre Francisco Ângelo.



Foto: Divulgação

Uma estrada chamada Atlântico

MARTA CORRÊA

Uma ideia na cabeça e um hidroavião nas mãos. Céu de brigadeiro, dias gloriosos de sol, outros de espessos nevoeiros ou chuva e dois corações a pulsar.

Segue o homem com sua intrépida vontade de sempre ir além.

Um grande oceano pela frente a atravessar em uma odisséia por “ares nunca d’antes navegados” sem nenhuma certeza de chegar.

Dois corações a fazer daquele grande oceano, hoje, uma pequena estrada com jatos a voar.

Travessia que despertou na pátria irmã Brasil o acompanhamento do evento e o anseio por um final feliz.

E assim se deu pelos ares a primeira travessia de um “pequeno laguinho” chamado Atlântico que separa duas nações, Portugal e Brasil.

Sacadura Cabral e **Gago Coutinho** eram os nomes dos corações portugueses que saíram de Lisboa para o Rio de Janeiro. Ah! Que viagem deve ter sido. É possível imaginar o pulsar desses corações e ao mesmo tempo a angústia pela chegada.

E que inusitada e gloriosa foi a chegada. Em um dia de chuva os dois corações aportaram em terras cariocas com sua máquina voadora e antes de pousar ainda contornaram com ela o Pão de Açúcar.



Foto: Divulgação

Monumento a Gago Coutinho e Sacadura Cabral em Belém, Lisboa, Portugal

E além do mar de cá que tal máquina pousou, um mar de gente recebeu os dois corações que exaustos pelo feito, ainda assim, desembarcaram com um largo sorriso em suas faces.

Uma ideia, um avião que pousa na água e dois corações repletos de bravura fizeram não somente um feito heróico, mas uniram ainda mais duas nações irmãs.

Há cem anos dois corações, de primeiros nomes Artur e Carlos, entraram para a história dos grandes feitos da humanidade.

Que toquem os sinos, as trombetas, as buzinas das fragatas, das corvetas num eterno salve para estes dois “ases” portugueses de corações destemidos e um eterno obrigado de todos nós, irmãos brasileiros.

Uma equação sem incógnita

MANOEL DE JESUS CARVALHO

Mil cento e quarenta e três, mais trezentos e cinquenta e sete, somaram os mil e quinhentos anos¹, para o descobrimento e posterior fixação de um novo país no mapa mundial. Essa equação motivou ambições de posses de outros países. Pois no decorrer da sua formação, o seu resultado foi um pouco espanhol, um pouco francês e um pouco holandês. Mas a identidade original, foi sempre defendida e garantida pela Pátria-Mãe; Portugal.

Naquele tempo, a nossa Pátria-Mãe dominava as navegações marítimas, com destaques para Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Diogo Cão, Tristão Teixeira, Gil Eanes, João Gonçalves Zarco, Bartolomeu Dias, Gonçalo Velho Cabral e Fernão de Magalhães.

A nova terra, hoje Brasil, que era chamada de Pindorama por alguns povos indígenas e que Pedro Álvares Cabral a denominou de Ilha de Vera Cruz, cresceu e se tornou um dos principais descobrimentos portugueses.

Devido aos desdobramentos da Revolução Francesa, tendo como a principal, a ascensão de Bonaparte ao poder e sua invasão ao território

português, D. João transferiu a sede do reinado português para sua maior colônia: o Brasil

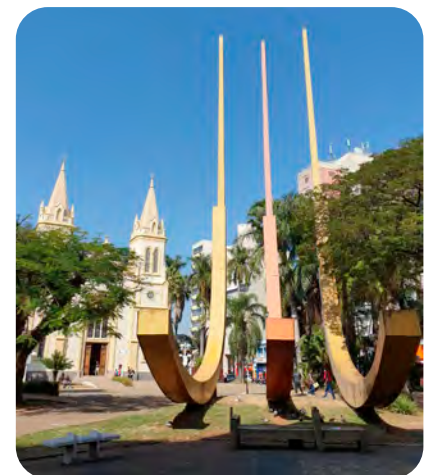
Sabemos do período monárquico do Brasil, no comando de D. Pedro I e D. Pedro II e o desfecho feliz para o Brasil e Portugal.

Atualmente, Brasil e Portugal são países com laços fraternos, que contribuíram, contribuem e contribuirão com bons legados culturais, para todos os povos.

E com sentimentos póstumos e considerando que todos somos irmãos descendentes de Adão e Eva, agradeço e saúdo todos os irmãos portugueses e todos os irmãos brasileiros, que construíram os alicerces de Portugal e os do Brasil, resultando em dois países belos e felizes, pela própria Natureza.

Somos mesmo, dois povos independentes pela Política Administrativa, mas unidos pelo coração!!!

A Esquadra – monumento que se encontra em Jundiá e que homenageia o descobrimento.



¹ 1.143 - considerado o ano da fundação de Portugal.

357 - a idade de Portugal, quando descobriu o Brasil.

1.500 - ano do descobrimento do Brasil.

Uma ceifadora generosa

LORENI FERNANDES GUTIERREZ

Era uma noite fria quando a morte, no desempenho de seu ofício, chegou numa cidadela silenciosa e de aura dissonante, na direção de Ushuaia, ao sul do país. Um espírito, cabisbaixo e tristonho, recostara-se na forquilha duma árvore que também andava triste porque os cupins a comiam, por dentro, e ela sentia dor. A morte, elegantemente vestida de cinza, reconheceu o fantasma taciturno que há um século ceifara, imaginando o que ele poderia fazer por ali – e dele se compadeceu. Enternecida também com o sofrimento da árvore, aqueceu o cabo da foice que trazia nas costas e, colocando-o num dos buracos do tronco, assoprou com força, alcançando toda a trilha dos cupins. Não restou aos insetos outra alternativa senão abandonar a toca para virem morrer sob os pés da excêntrica senhora. A árvore, suspirando aliviada, chacoalhou os galhos e agradeceu à bondosa Dama de Cinza. “O que fazes aqui?” – pergunta a morte ao espírito melancólico. “Aqui está o meu amor, que nunca acorda” – ele responde. “Mostra-me então sua morada, pois não me lembro de sua amada” – ela lhe pede. E o espírito divagante, sacudindo as vestes sepulcrais, sobrevoa com ela um antigo castelo no qual o esqueleto duma jovem, rico em fosfato

de cálcio, descansava num magistral túmulo de mármore. “Não foi levada por nós, ela mesma se ceifou” – fala a mulher de vestes cinza. “Sim, envenenou-se quando parti, por isso não mais a vi. Não está em meu mundo e nem aqui. Durante um século a procurei em vão”, suspira o espírito apaixonado. “Está num submundo. É para lá que vão os afervorados” – ela responde. “Poderia trazê-la para mim, por piedade? Estou morto, mas de saudade” – insiste a entidade. “Preciso de permissão, mas tenho agora que cumprir minha missão” – responde a senhora de elevado aspecto e com olheiras profundas, saindo apressada. Ela visitaria naquela noite, com a mesma isenção, uma moradia de ricos e uma de pobres, fazendo um choro excruciante ecoar madrugada afora. Na noite seguinte o espírito taciturno voltaria a sorrir, pois a generosa Dama de Cinza lhe traria a jovem do limbo, para seguirem juntos na eternidade. “Sempre vale a pena esperar por aquilo que vale a pena possuir, ainda que aqui, deste outro lado, esta espera dure um século” – pensaria a ceifadora de cinza arrebanhando novos espíritos. Então ela, com aquela sensação de dever cumprido, olharia de soslaio as duas almas que seguiam, felizes e de mãos dadas, na direção do infinito.

Duas metades

GARGIONE AVILA

Brasileiros e lusitanos
dois ramos da mesma planta
vozes da mesma garganta
falando em paz e igualdade,
são como duas metades
que a geografia separou
mas o destino entrelaçou
e uniu na fraternidade.

Foi um Brasileiro Português
ou Português Brasileiro
que mostrou ao mundo inteiro
como a união nos torna forte,
e o Brasil de sul a norte
dos tiranos se libertou
quando D. Pedro gritou
independência ou morte.

E embora tenha acontecido
há justos duzentos anos
esses dois povos soberanos
sem distinguir credo ou cor,
sem guardar mágua ou rancor
deram um exemplo pro Universo
pois cada um deles é um verso
de um só poema de amor.

Duzentos anos de início de nação

HERMINIA APARECIDA BALBUENA

Duzentos anos que Dom Pedro I
proclamou a Independência do Brasil.

Duzentos anos que o Brasil
emancipou-se de Portugal.

Duzentos anos que iniciou uma cultura,
uma nação, um lastro, uma mistura.

Duzentos anos de laços e miscigenação.

Muitos povos, muitas culturas,
muitas diferenças, muitos conhecimentos,
muitos documentos, muitas rupturas,
muitas sabedorias, muitos discernimentos.

Portugal a “pátria-mãe”
de um Brasil próspero,
venturoso, afortunado,
promissor, profícuo.

Brasil e Portugal
dois países em união
pelo bem, pela paz
de laço eterno e audaz.

Portugal e Brasil

FLAVIA CUNHA

A contemplar o crepúsculo
Sentados próximo ao Tejo
Dois namorados conversam

Ele é brasileiro
Ela é portuguesa
No assunto estão imersos

Parecem simbolizar
A relação de países
Que a boa união enseja

Ao longe alguém canta um fado
Muito bem interpretado
Ouvi-lo todos desejam!

Brasil e Portugal
Duas Pátrias unidas
Pelo mesmo ideal

De paz e fraternidade
De trocas constantes
De respeito e amizade

Portugal, Pátria-mãe,
Descobriu nosso solo
Veio civilizar

Brasil e Portugal
Fundem-se num só
Terras de além-mar!

E entrelaçados seguirão
Cada vez mais unidos
Sempre a se respeitar

Portugueses e brasileiros
Batem em unísono
Seus fortes corações

Salve a amada Portugal
Salve o Brasil altaneiro
E as mais belas tradições!

Algum lugar

RONALDO ALBERTO MARTELLI

Num repente,
Em certo momento
Criou-se o tempo
Ao certo, não me lembro
Sei que estava sozinho
Menino avoadado
Pés descalços, rachado
Correndo, pulando, parado
Num certo tempo.

Que tempo esse perdido?
Num instante despedaçado
Que sentimento incontido
Chiando, no peito guardado
Pois se há tempo de crueldade
Semeio a felicidade
Se há choro enrustido
É porque existe saudade.

Que coisa essa que chega?
Num tempo desesperado
Saudade que o peito invade
Esse inesperado
Sentimento nobre, puro
Pobre menino inseguro
Despreparado.

Mas houve o tempo
E ele se algemou a ele sim
Até parece que o amava
Ah, tempo sem fim
Que fazes de pobre petiz
Menino, criança, traquina
Cabelos de parafina
Dos tempos, aprendiz.

Aventurou-se nas vagas do mar
Partiu menino perdido...
Hoje tudo faz sentido
Era tempo de encontrar
Menino encontrando o homem
Homem ao mar
Mar sob um manto de estrelas
Um mapa pra navegar.

Se criou o tempo, não sei
Se foi menino moleque
Se partiu soprando o leque
Das velas soltas ao mar
Me divago a pensar...
Mas digo o que sei ao certo
Ao fim das vagas além -mar
Menino homem, juvenil
Aportou, e desandou a falar
Muito prazer, eu sou BRASIL!

Uma vida

RONALDO ALBERTO MARTELLI

Ah! Se pudesse iria
E porque não seria
Seu par

Num instante ficaria
Por perto e veria
Seu olhar

Mas se me ignorasse
Talvez eu amasse
Ainda mais

E por certo seria
Seu par algum dia
No altar

E se num esgar, sofrido
Se for preterido
Sonhar

Em cobri-la de alegria
Dia após dia
Amar

Então, num tempo distante
Quando a noite parecer infinita
Gravata com laço de fita
Vestido rendado de chita
De braços com a liberdade
Caminharmos lentamente
Para a liberdade.

Brasil e Portugal - fado, olhares e sinas

JEFFERSON DIECKMANN

Mais de cinco séculos de conhecimento
Descoberta, imensidão, chegada
Amanheceres, dias, noites, crepúsculos
Sorrisos, olhares, entreveros, rancores
Senhorio, moradia, convivência
Súdito, olhares tortos, inquietação
Real família, coroa, possessão
Olhar pra cima, conformado, rés-do-chão
Ipiranga, ânsia, brado, aço na mão
Corte de laços, pulmões abertos, insurreição
Cordão rompido, passos largos, destino na mão
Duzentos anos, ampulheta em pé, areias se vão
Tempos passados, novos olhares, aproximação
Mãos apertadas, livros escritos, nova canção
Língua falada, olhares conjuntos, mesma direção
Mesa posta, vinho nas taças, povos irmãos
Sorrisos trocados, irmandade, união
Salve nações, nossas gentes, nossos destinos
Fado cantado, propósito ombreado, carnavais
Estradas futuras, pegadas unidas, olho no olho
O futuro é logo ali, solo irmão...



VT. SIT. OMNIBVS. DOCUMENTO. P. P. D.

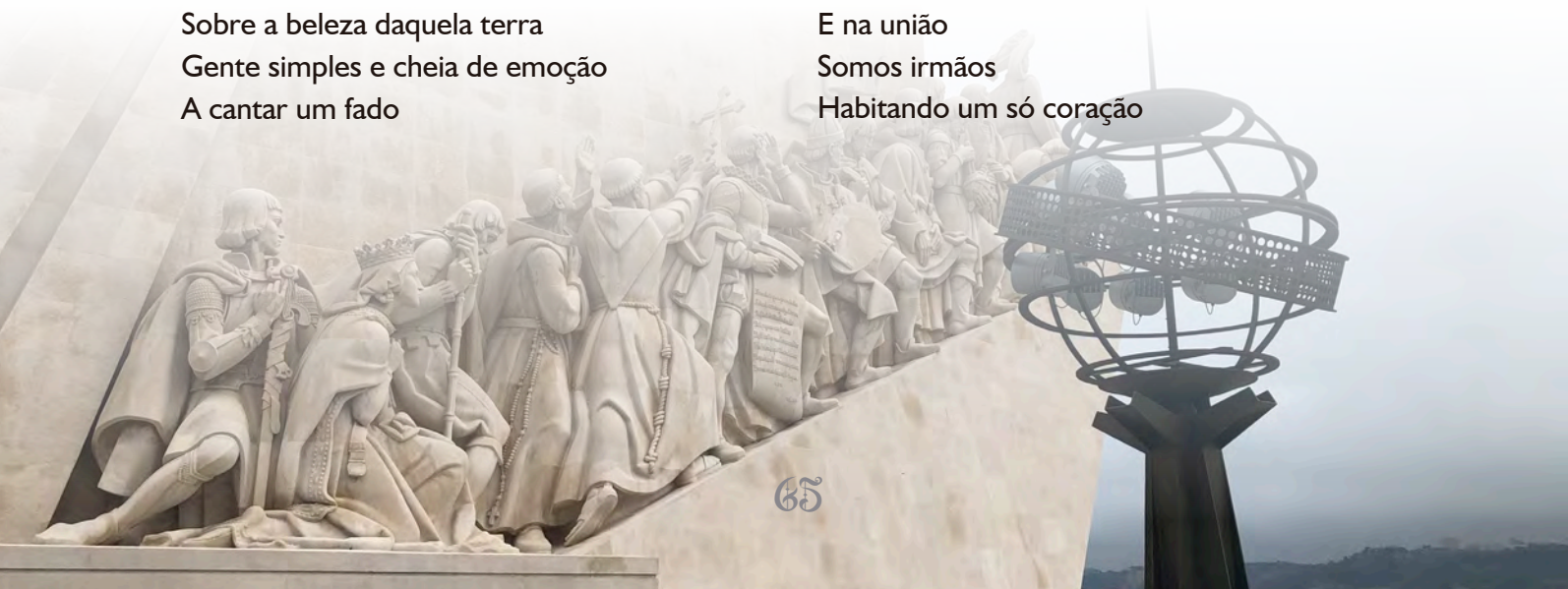


Um amor por Portugal

IVONETE PICCINATO DE FREITAS

Sorrisos se abrem
Quando se fala naquela terra
Cujo nome rima com o tempero universal
O sal
E quando se pensa no Poeta
Aquela pessoa
O Pessoa
Vem a poesia, alimento da alma
Como não amar, Fernando Pessoa
e as suas pessoas?
O mar foi atravessado
E trouxeram os antepassados
E aquela palavra, a que só se fala em nossa
língua, sempre foi muito dita
Entre os que aqui vieram e os que lá ficaram
Saudade...
Sobre a beleza daquela terra
Gente simples e cheia de emoção
A cantar um fado

Ao som de uma guitarra portuguesa
A falar do amor
A cantarolar uma bela canção
E o amor pelas comidas apetitosas
Azeitadas de sabor
O peixe regado a um bom vinho,
depois um cálice de vinho do Porto,
e completa está a refeição
As castanhas assadas em plena calçada
Espantam o frio e ligeiramente matam a fome
Com fé seguem em romarias clamando pelo
olhar atento da Mãe do Criador
Em Fátima há muita oração
Portugal, que rima com sal
Que tempera a vida da gente
Em belezas
E na união
Somos irmãos
Habitando um só coração



As etapas da vida

CARMEN SÍLVIA PEREIRA

Veja bem! Todo mundo tem um passado.
Haja visto que o que passou, não volta mais.
Só se pode reviver em recordações.
O presente só se vive no momento.
E se deixar para lá, virará passado.
Entretanto, o futuro é um enigma.
Pois vivemos na expectativa e nem sempre preparados
E quando menos se espera, acontece.
E se torna presente.
Porém, vai passar e, então, virar passado.
E o futuro continuará na espera.
E isso é fato em tudo. Um eterno moto-contínuo.
E há de se convir que quem espera sempre alcança.
A esperança é a última que morre.
E mesmo assim, ainda dizemos que
Se pudéssemos voltar ao tempo,
Poderíamos mudar tantas coisas... não é?
Enfim, as etapas seguem o seu roteiro e não há como pular.

Assim cruzou-se os mares então!

CARMEN SÍLVIA PEREIRA

Brasil – país de glórias e conquistas.
Portugal – país irmão por sua descoberta.
Países por irmandades bem ativistas.
Isso por ter tido tal glória bem certa!

Pedro Álvares Cabral atravessou os verdes mares.
E muito garboso assim descobriu o nosso Brasil.
Não foi por acaso que foi levado pelos ares.
Foi o vento que conduziu o grande Cabral varonil!


A santa terrinha, como é nomeada.
Está ali após cruzarmos os mares – é Portugal!
Um orgulho enfim ter sido assim abençoada.
A nossa terra por obra de Pedro Álvares Cabral!

Pelos mares, ventos e tempestades, tudo enfim.
Pisando em terra firme, eis então nosso varonil!
Cabral que constituiu a nossa história assim!
Portanto nada mais justo nossa Pátria amada BRASIL!!

Hoje a história segue engrandecida.
Por terras irmanadas por uma voz compreensível.
Portanto sou luso-brasileira de orgulho imprescindível!
Viva PORTUGAL e BRASIL!!!!
Irmanados pela Pátria-Mãe gentil!!!

Portugal

MELISSA MAIA DE SOUZA



Linda terra, pátria-mãe
De estrelas do futebol como Cristiano Ronaldo
e destaques da neurociência como António Damásio
Terra de José Saramago, Luís de Camões
Eça de Queiroz, Fernando Pessoa,
Paula Rêgo e António Lobo Antunes
A ti, cantarei um fado de Amália Rodrigues
Tuas lindas terras visitarei
Estarei em Sintra a percorrer os jardins do Palácio da Regaleira
Visitarei a Vila de Monsaraz
Não deixarei de andar nas areias da praia de Benagil
Caminharei no Pelourinho de Monsanto
Passarei pela Ponte de Misarela, em Montalegre
E conhecerei a Aldeia de Piódão
Terra de Nossa Senhora de Fátima
Ainda hei de visitar Lisboa, Porto e Coimbra
Provarei o Bacalhau à Brás
A queijada de Sintra, o pastel de nata
O caldo verde, a canja, o tempura e a alheira
Querida terra, pátria-mãe
Um dia hei de te visitar
E em teu abraço irei repousar.

o poeta é um solitário

MELISSA MAIA DE SOUZA

O poeta é um solitário
Que sua vida descreve
Em tristes versos nos quais breve
Sua dor relata, ao passar do dia
Entre lágrimas de melancolia
Mesmo que tentasse
Sua condição mudar
Seu coração ainda doeria
Ainda sofreria a dor de amar
Mas, sem essa dor
De que o poeta então falaria?
Da virtude e do amor?
Onde tais assuntos encontraria?
A virtude, há muito está perdida
O amor, não mostra nem sinal de vida
E o coração do poeta solitário
Continua a bater dolorosamente
Sua dor atinge o amago do seu ser
Como uma úlcera a dilacerar seu estômago
Sua triste vida, não quer mais viver
Mas deixá-la não pode
sem ao menos procurar a dor combater.



Registro pincelado

LIEGE ESTEVES

A independência de um povo
Sangra no ventre da matriz
Surgindo intelectuais de origem lusa
Narrando o descobrimento do Brasil
História contundente
No domínio da Coroa
Nascia o príncipe regente
Recebendo do destino um grande legado
Foram tantos interesses
Em turbulência armada crescente
Brancos, indígenas e negros
Diante de vários interesses
A independência se fez urgente
A favor de Portugal, províncias se rebelaram
As mãos fortes dos patriotas calaram a intenção
Em carruagem andam os séculos percorridos
Literatos à moda antiga
Estudaram em Coimbra
Na era contemporânea
Duzentos anos vamos comemorar
Literatos de uma nova história,
A liberdade dos fatos vai registrar!

Reavaliar a alma

LIEGE ESTEVES

Chora alma desvalida
Nos braços da incompreensão
Ao rever toda uma vida
Sem a devida intenção

Por todo caminho andado
Vivido na compulsão
Não entendeu o recado
Não achou a solução

O ponteiro do relógio andou
Na fossa encalhou
Em desequilíbrio não endireitou
Nem em sonhos se ajudou

Perdeu-se nos bloqueios
De uma alma corrompida
Cheia de vícios e devaneios
Passou a vida perdida

*Lágrimas brasileiras**

VALDEREZ DE MELLO

Maldição sobre vós, doutores da lei!

*Maldição sobre vós hipócritas: Assemelhai-vos aos sepulcros
brancos por fora: o exterior parece formoso,
mas o interior está cheio de ossos e podridão.*

Evangelho segundo S. Mateus, Cap. XXII

Serão alguns homens seres humanos?
Ou serão desumanos muitos homens?

Um pedaço enorme de pão fresco
Escorrega para o lixo farto dos poderosos,
Um naco de carne suculenta
desliza para a podridão,
Doces de fim de festas opulentas
Tombam açucarados e se misturam
à ostentação...
Restos dos sem fome... Dos sem dignidade...

Comida para os vermes?
Não!
Servirão de alimentos para seres humanos,
Que habitam a cidade dos renegados,
Onde homens e crianças
disputam com abutres
A luta pela preservação...
Guerra vergonhosa!

Quando o mundo inteiro fala em paz!
Em preservação da natureza!
E proteção aos animais!

Sonhos maravilhosos
Que todos deveram realizar!
Porém,
Vejam brasileiros!
Nossos tristes cromos:

O velhinho arcado, caminha para lugar nenhum,
Segurando seu tesouro:
Uma sacola de plástico, (sua pasta de executivo),
Onde guardados estão anos
de vida e de trabalho...
Hoje apenas um desempregado
Que sente entre os dedos calos grossos,
E um cartão com a vergonhosa inverdade:

APOSENTADO!

E, ele, procura um trabalho...
Sua idade, talvez 75 anos.
Um vovô que gostaria
de ter um porto seguro,
Um lugar para ancorar sua velhice
E ninar seus netos...

Uma velhinha sozinha na imensa fila
Desde os últimos raios de luar, aguarda e ouve:
Infelizmente Nada Será Solucionado!
E sente um desamor profundo no peito
Um abandono no olhar vadio,
Um desespero na alma...
E... fenece. Tomba e esvai-se...
Tal flor mimosa quando se esquece de regar...
Era também uma vovó,
Que no último suspiro agarrou firme
Entre os dedos das mãos pintalgadas
Tudo o que tinha: um cartão de Pensionista!

A criança se aninha na rua
Cobrindo-se com notícias que não sabe ler
(não conhece escola)
Clama por aquele pedaço de pão
Qua a justiça distributiva
deixou ser jogado no lixo...

Pede o salário justo de um pai,
Que não sabe se é seu...
Pede aquela dignidade a que teria direito,
E, chora por desamor...
Ora! O bem comum!!!!

Tudo é questão de repartição,
Mas... Com quem?
O maldito dinheiro
Que não visa o bem maior:
O amor ao próximo!
A oportunidade de ser gente,
A alegria de poder sorrir,
O poder ser!
E, o povo implora a possibilidade
De secar as LÁGRIMAS BRASILEIRAS!
Que por ironia do destino
Servem ainda para matar a sede
Do povo brasileiro!
Pois, vertem do coração,
Brotam nos olhos tristes,
Escorrem pelas faces embrutecidas
E pela língua seca são engolidas...

E a Carta Magna diz:
Todos são iguais perante a Lei!!!!

* Publicado no livro *Lágrimas Brasileiras* (2004 - há vinte anos já era assim)

Brasil, Terra Querida*

VALDEREZ DE MELLO

*Ninguém ama uma pátria porque é grande,
mas porque é sua!*
Sêneca

Terra abençoada!
Onde o amor e a humildade fazem morada!
Terra colorida!
Vermelha, roxa, dadivosa, linda!
Águas que desabrocham dos píncaros e
Bailam esvoaçantes com seus véus
Tal noiva esfuziante a descer dos céus!

Praias a perder de vista,
Coqueirais abanando o firmamento
Verdes mares banhando infinitamente
Os pés do meu Brasil...

Terra abençoada!
Onde o lilás se confunde com o azul
Nas tardes tépidas de aragem eterna
Céu a cintilar no azul-marinho,
Onde miríades de estrelas
Para adormecer tecem seus ninhos...
E a lua redonda e cheia de si,
Ilumina as ondas brancas
No valsar das águas!

Terra minha, querida, varonil!
Por certo Deus ao terminar a grande obra
Arrematou em contornos insinuantes
A grande dama, América do Sul,
E nela encravou a reluzir,
A esmeralda do Atlântico,
Minha Pátria, minha joia, meu Brasil!

E, para ser sua obra magnífica,
Assinou no sexto dia de improviso,
A obra-prima, tal poeta arremata sua rima
Denominando minha terra: Paraíso!

E, para repousar no dia sétimo,
Recostou o grande artista do universo
Sobre as areias macias e cristalinas,
Onde o mar, ofuscante turmalina,
Abraça o grande Deus tão fortemente
Para que alí finque morada, para sempre,
À luxuriante Pátria amada,
Tão sua, tão nossa,
Infinitamente, minha!

* Publicado no livro *Lágrimas Brasileiras* (2004 - há vinte anos já era assim)

© *viaduto**

VALDEREZ DE MELLO

Grande obra de arte o viaduto!
Batizado com o nome de gente importante
Concreto e vaidade ali se confundem
Caminho de tantos
Retorno de muitos...

Grande obra de arte o viaduto!
Foi questão política? Quem construiu?
Quem inaugurou?
Quem leva o nome?
Quem discursa?
E, os lambe-botas se afligem,
Faixas, letreiros, rojões, palanques,
Promoções!!!

Grande obra de arte o viaduto!
Agasalha em suas entranhas
A família de João e de José,
E, entre as gretas frias e escuras,
Se enroscam crianças envoltas em papelão,
Marias que improvisam quarto e sala
Onde ratos e baratas
compartilham o mesmo vão!

Grande obra de arte o viaduto!
Retrato do bem comum!
Em cima, passarela do progresso,
Embaixo, caverna do século vinte um...
Grande obra de arte o viaduto!

* Publicado no livro *Lágrimas Brasileiras* (2004 - há vinte anos já era assim)

Lingua Pátria

VALDEREZ DE MELLO

*A degeneração de um povo, de uma nação ou raça,
começa pelo desvirtuamento da própria língua.*

Rui Barbosa

Tão importante quanto amar a Pátria é estudar com carinho seu idioma. A nova reforma ortográfica, redigida em 1990, com ratificação em janeiro de 2009, portanto, contando já com mais de vinte anos de existência, idealizada para o cumprimento do objetivo maior que é a unificação dos países lusófonos, certamente merece ser acolhida com carinho. A Língua Pátria é o grande esteio de uma nação, o vínculo de fé, a voz do direito e a marca registrada de uma nação livre, capaz e soberana. O desrespeito pela língua mãe demonstra profunda indiferença pela terra de origem e plena ausência de patriotismo.

Os países lusófonos enlaçados pela trama e urdidura das línguas coirmãs, por intermédio de ideais, princípios, raça e espírito de perseverança, edificam através da atual *Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa* a grande ponte intercontinental que conduz à extraordinária e abrangente união cultural.

Independente de idade, raça ou credo é dever cívico agasalhar no coração a obrigação de

conhecer o idioma do país de origem. A nova reforma ortográfica adentrou na vida dos brasileiros com galhardia e brilhantismo, seja para quem já desocupou os bancos escolares, mas continua exercendo a verdadeira cidadania, seja para quem ainda caminha pelas avenidas da aprendizagem, o que é imperativo receber com carinho a nova *Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa*, que abrolhou do Latim, língua indo-europeia antiga que surgiu na região do Lácio, próxima a cidade de Roma Antiga, na antiguidade. Tornou-se a língua oficial do Império Romano e na Idade Média, foi adotada pela Igreja Católica Romana. O Latim deu origem a várias línguas como, por exemplo, francês, espanhol, italiano e português e era disciplina primordial da grade curricular nas escolas até os anos 50, 60, que tanto auxiliou no entendimento do português falado no Brasil. Quem não se recorda da loba amamentando Rômulo e Remo, figura que representa a história de Roma, gravada na memória de muitos estudantes das décadas passadas.

Segundo a lenda, Rômulo e Remo eram irmãos gêmeos e filhos do deus grego Ares, ou Marte, seu nome latino, e da mortal Réia Sílvia, filha de Numitor, rei de Alba Longa. Segundo a mitologia romana, os gêmeos foram jogados no rio Tibre, na Itália e resgatados por uma loba, que os amamentou e que posteriormente foram criados por um casal de pastores. Adultos, Rômulo e Remo retornam a cidade natal de Alba Longa e ganham terras para fundar uma nova cidade que seria Roma.

Vê-se que para conhecer nossa Língua Portuguesa é de suma importância pesquisar sua origem, sua história e seu deambular pelo tempo. Muitas reformas ortográficas aconteceram anteriormente, mas esta veio para realizar efetivamente a mudança proposta e unir por meio

da língua escrita povos de nove países lusófonos.

Tomar conhecimento das alterações advindas da nova ortografia para a Língua Portuguesa e conhecer sua origem, torna-se imprescindível para a edificação das bases de sustentação da verdadeira cidadania. Infelizmente, nossa Língua Pátria resta sendo invadida por tantos modismos em inglês que quase todos os setores de propaganda, meios de comunicação e mesmo na linguagem informal nota-se o avanço do domínio da língua inglesa em detrimento da língua pátria, colocando-a em segundo plano. Urge resgatar nossa língua como prioridade maior nos meios de comunicação em geral e principalmente nas escolas. A língua pátria é a marca registrada da verdadeira cidadania! Sem ela seremos meros cidadãos nômades em patriotismo!



Uma data arquitetada

DALTON LUIZ SIBINEL

Grandes transformações foram geradas para a Idade Contemporânea.

A Revolução Francesa balançou tronos, derubou certezas e feriu todas as crenças, mudando a situação social, política e econômica no mundo.

Mas, com D. Pedro I, buscou-se ser independente de Portugal e na “vitrine” ficou a colônia portuguesa mais rica da América.

Em 1808, uma história que marcou, nos trilhos do desenvolvimento, um Brasil que transformou-se, mundialmente, com a chegada da Família Real Portuguesa.

O bicentenário da chegada de Dona Leopoldina, em 2017, mostrou-nos que muita coisa aconteceu pelo Brasil.

Movidos de tantas decisões, a mais importante foi categórica e selando uma projeção.

Em 07 de Setembro de 2022 comemoraremos os duzentos anos da Independência do Brasil e precisamos entender o quanto dependemos, ainda, de tudo e de todos, para conseguirmos a paz, a educação e cultura do nosso povo.

Não podemos esquecer, jamais, do grande nome deste ensejo histórico, dos triunfos: Pe-



Foto: Divulgação

dro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon, o D. Pedro I, que levantou a sua espada, no grito às margens do Ipiranga.

O CORAÇÃO DE D. PEDRO I

D. Pedro IV, para os portugueses, desde 1837 seu coração está na cidade do Porto, em

Portugal, no sarcófago da capela-mor da Igreja de Nossa Senhora da Lapa, encontrando-se preservado à base mista de formol. Um desejo de D. Pedro I, em testamento antes de morrer, e “guardado a sete chaves”, uma relíquia protegida com segurança.

Os restos mortais de D. Pedro I vieram de Portugal ao Brasil em 1972, quando da comemoração dos 150 anos da Independência do

Brasil, e encontra-se até hoje no Bairro do Ipiranga, a poucos metros do riacho onde o monarca proclamou a independência brasileira, do então Reino de Portugal.

A segurança no Brasil deve ser mantida igualmente, surgindo uma preocupação portuguesa. Enfim, é um acordo entre as duas nações entrelaçando um marco da amizade nas comemorações dos duzentos anos da Independência do Brasil.



Foto: Divulgação

Ano da Independência do Brasil

Letra: Evaristo Ferreira da Veiga e Barros (1799–1837).

Música: Marcos Antônio da Fonseca Portugal (1762–1830). Compositor: Pedro I do Brasil – 1824

Já podeis, da Pátria filhos
Ver contente a mãe gentil
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brasil

Brava gente brasileira!
Longe vá, temor servil
Ou ficar a pátria livre
Ou morrer pelo Brasil
Ou ficar a pátria livre
Ou morrer pelo Brasil

Os grilhões que nos forjava
Da perfídia astuto ardil
Houve mão mais poderosa
Zombou deles o Brasil
Houve mão mais poderosa
Houve mão mais poderosa
Zombou deles o Brasil

Brava gente brasileira!
Longe vá, temor servil
Ou ficar a pátria livre
Ou morrer pelo Brasil
Ou ficar a pátria livre
Ou morrer pelo Brasil

Não temais ímpias falanges
Que apresentam face hostil
Vossos peitos, vossos braços
São muralhas do Brasil
Vossos peitos, vossos braços
Vossos peitos, vossos braços
São muralhas do Brasil

Brava gente brasileira!
Longe vá, temor servil
Ou ficar a pátria livre
Ou morrer pelo Brasil
Ou ficar a pátria livre
Ou morrer pelo Brasil

Parabéns, ó brasileiros
Já com garbo varonil
Do universo entre as nações
Resplandece a do Brasil
Do universo entre as nações
Do universo entre as nações
Resplandece a do Brasil

Brava gente brasileira!
Longe vá, temor servil
Ou ficar a pátria livre
Ou morrer pelo Brasil
Ou ficar a pátria livre
Ou morrer pelo Brasil

A CORAGEM DOS AERONAUTAS PORTUGUESES

Carlos Viegas Gago Coutinho (1869 – 1959) e Artur de Sacadura Freire Cabral (1881– 1924) foram os responsáveis pela peripécia da *Primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul*, partindo de Portugal com destino ao Brasil, viagem realizada, com sucesso, em 1922, entre Lisboa e Rio de Janeiro.

Carlos Viegas Gago Coutinho era geógrafo, cartógrafo, oficial da Marinha Portuguesa, navegador e historiador.

Artur de Sacadura Freire Cabral era aviador, pioneiro da aviação portuguesa, do hidroavião Lusitânia.

Os 100 anos de um feito que teve repercussão mundial é mais uma das comemorações luso-brasileiras, neste ano de 2022.

Este marco de bravura ocorreu de 30 de Março a 17 de Junho de 1922, no qual os aviadores portugueses, nesta façanha heroica, entraram no Brasil, no Pará, passando por Salvador e chegando no Rio de Janeiro, aclamados por todos que os viram.



Foto: Divulgação

Gago Coutinho e
Sacadura Cabral,
30 de junho de 1922.
Rio de Janeiro/RJ.
Acervo DPHDM

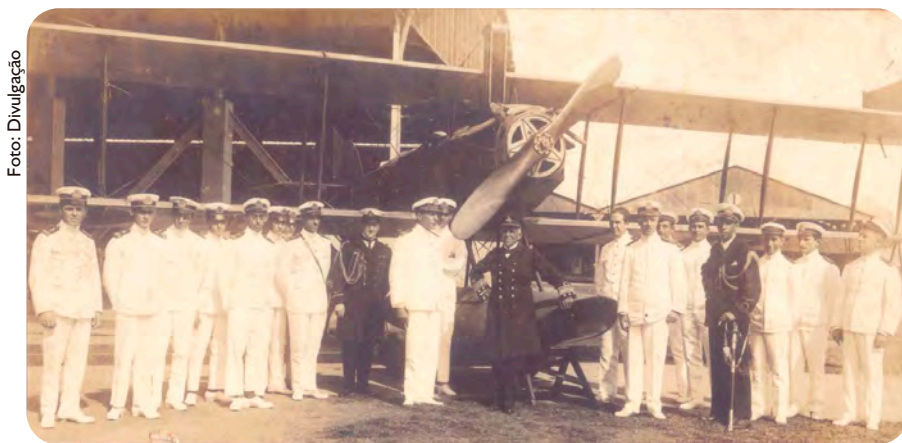


Foto: Divulgação

Grupo de Oficiais junto ao
aviador Gago Coutinho à
frente de um hidroavião
na Escola de Aviação Naval
26 de junho de 1922. Rio de
Janeiro/RJ. Acervo DPHDM

Unidade

MAURÍCIO MOURA

Surjo enfim,
depois de tantas idas e vindas,
de tantas brigas e intrigas,
de tantos descaminhos,
nasço, renasço!

Pelo que foi escrito,
pelo que foi dito,
aqui estou,
representando o universo,
de vontades e paixões.

Vou crescendo,
tomando formas e construções.
Nem ligo se me intrigo
com tantos tentáculos...

Quero alcançar tudo,
o tempo é curto,
preciso me aprumar...
Entre cores e conteúdos,
me transformo,
tento te conquistar...

E mesmo que meu voo seja curto,
embora meus braços não te alcancem,
mesmo assim,
quero teu olhar voltado para mim...
Quero acalantar teus sonhos,
penetrar em tua alma,
e descansar meus anseios
desta longa viagem que decidimos trilhar...
Infinitamente... somos um!

Hoje

MAURÍCIO MOURA

Hoje senti minha alma,
como algo que não cabia em mim,
quis saltar,
quis talvez bailar,
sem canção, sem melodia...
Quis somente em solo,
declarar,
esse sopro,
essa fuga...
Quis somente,
deixar escorregar o eco sem voz,
a voz branda do silêncio...
Quis somente,
mesmo que, por um instante,
deixar fluir, escapar, viajar,
minha razão de ser, de ver, de sentir...
Acho, acho que não é insanidade,
é simplesmente,
o desejo de viver.
Intensamente... viver!

A fé

MAURÍCIO MOURA

A fé...
Não possui bandeiras,
não requer espaços,
não te permite latifúndios,
não desdenha,
não se constrói com egoísmos,
não está alicerçada no orgulho,
muito menos na pequenez de
nosso ser!
Ela flui!
Exalta!
Ela te carrega, alivia.
Onde quer que estejas,
no limite de teu pensamento,
na infinitude de teu olhar,
na imensidão de teu querer,
a fé brotará em teu coração
sementes de amor,
vislumbrando sempre o
que te era impossível!

Confissões

(Para o pai querido)

MAURÍCIO MOURA

Confesso,
não,
não queria esse Papai Noel,
ou coisa assim.
Eu queria meu papai,
sem Noel,
sem barba,
poderia até ser sem cabelos...
queria só meu papai.
Com olhos arregalados,
beijado,
sisudo, que me importa...
Queria só meu papai,
com nariz pontiagudo,
com aquelas beizolas carnudas...
orelhas dumbadas,
engraçadas,
que me importa!
Queriam somente meu papai.
Com aquelas mãos grossas, calejadas,
unhas por limpar, encardidas...
braços longos,
abraços apertados...
Ah... aquele teu olhar,
sempre marejado,
úmidos, molhados...
Acho que era chantagioso,
sei lá, mas acho que era...

Como se estivesse confessando,
pedindo... me abrace...
leve... suave... apertado!
Sentindo teu calor,
teu bafor,
Tua quentura, quanta ternura!
Ah... meu Papai Noel,
sem lápis para colorir,
Sem sons disfarçados,
sem nariz de palhaço,
sem olhos pintados,
sem cores... tão... tão sem sentido...
Apenas,
meu papai.
Bruto e resoluto.
Gigante e audaz.
Meu tudo... capaz!
Saudades,
dos Noéis inventados,
esconderijos,
renas e risos...
Saudades imensas, mas,
na certeza absoluta que estaremos um dia,
plainando no mesmo trenó,
alçados, quem sabe,
no mesmo rabo de cometa
que se chama eternidade...
plena eternidade...

Olhares

MAURÍCIO MOURA

Meu olhar assustado,
boca fechada,
coração apertado,
minha alma confusa,
difusa,
pensamentos distantes,
perdidos,
viajando...
Me aperto,
arrebento,
saio da prisão desse instante e,
por minutos,
vagueio pelo espaço
tentando puxar o meu eu de volta,
que teima,
que reina,
blasfema... não quer voltar...

Retorno e bato a cabeça,
em meus espaços, devaneio...
Ainda uma vez, uma vez mais busco,
busco sair dessa sombra que me persegue,
me culpa,
incrimina.
Então,
só então, uma pequena luz,
um facho, me conduz.
Exausto, me deixo levar.
Me encaixo em teus braços e, só enfim,
me acho...
Volto,
retorno.
Retorno de uma viagem inútil, que,
sem você, ficou sem sentido, perdido...
infinitamente perdido!

Quantas vezes

MAURÍCIO MOURA

Nesse cantinho, quantas vezes
derramei meus lamentos
refugiados em meu íntimo,
escondidos em meu próprio ser...

Quantas vezes
te procurei numa busca insana
de entender aquilo que se passava à minha volta...

Quantas vezes meu olhar se perdeu
entre buscas e indagações!
Meus passos, trêmulos e confusos,
à procura de terra firme,
quantas vezes...

Talvez tenha contado todas as pedras,
quem sabe tenha sentido a presença
de todos os anjos,
os presentes e os ausentes...

Finalmente, exausto na procura dos porquês,
encontrei tuas mãos, firmes e seguras,
só pude sentir a tua presença e uma luz,
como toque de magia,
embalou todos os meus medos e, me conduziu
a um sonho do qual gostaria, egoisticamente,
nunca querer despertar !

Quantas vezes procuro resgatar
essa sensação de encontro,
de eterna comunhão com o Universo
nesse cantinho, onde, só quem conhece,
tem a dimensão dessa grandeza!

Minhas noites

MAURÍCIO MOURA

Minhas noites não têm fim,
vez que não teve começo...
Minhas noites insanas,
de procuras sem achados...
Minhas noites,
de devaneios,
de viagens,
de magias,
de construções infindas...
Sem paredes,
nem planos
de arquitetura misteriosa,
de suspiros sem chamegos,
de risos...
Minhas noites de loucuras,
sem passado, nem presente...
de pensamentos...
Noites infindas,
sem amanhã,
sem porquês...
somente... noites...
de estranha sintonia,
de engolir o seco pela raiz,
de espera...
de espera...
de espera...



Quisera

MAURÍCIO MOURA

Quisera poder dizer todos os pensamentos,
em tantas línguas quanto possíveis...

Quisera,
expressar sentimentos, formas, sensações...
Ah... como quisera!

Ler na mente, no coração,
sentir no leve toque de mãos,
o que vai, o que vem,
em toda uma existência!

Ah, como quisera!
Olhar em olhos e ler
o que não se está escrito,
o que virá...

Mago de ilusões,
feiticeiro de poções,
ilusões de paixões!

Inventar,
levar,
brincar com formas,
dar cores ao invisível,
dar sentido ao incompreensível...
Ah... como eu quisera!

Entoar tantas canções,
sem conhecer notas, acordes...
Apenas deixar ser levado pela melodia
que toca, que faz levar,
que te preenche e inflama...

Ah, quem me dera,
num simples olhar,
resumir,
contextualizar,
uma vida... uma existência...

Ah... quanta presunção!

Crenças e descrenças

MAURÍCIO MOURA

Apenas um descrédito...
momentâneo, talvez.
Um rasgo de memória,
um lapso de tempo, quem sabe,
um... piscar de dúvidas,
vá saber...

Não que eu não acredite,
apenas, a dúvida...
A imaginação que não segue
os sonhos que teimam em iludir,
a mentira fantasiosa,
a fantasia da verdade,
a verdade intolerável...
Palavras que soam contrárias,
a inconstância de versos mal construídos,
poemas inacabados,

folhas desgastadas, ao vento,
canetas desfiguradas pelo tempo,
com penas abertas, tintas ressecadas,
que teimam em escrever
frases sem sentido...

Não que eu não acredite.
Apenas um misto de dúvidas,
em saber que
palavras se perderão
no grande vazio da alma,
que cairão no vácuo do espaço,
e que irão,
quem sabe,
fazer parte do grande livro da desilusão!

Apenas...

Comunhão

MAURÍCIO MOURA

Respirar teu ar...
Te sentir,
absorver cada espaço
que a brandura do tempo me permite!

Sentir tuas mãos,
teu respirar,
tuas palavras não ditas,
perdidas,
mal proferidas...

Escutar teus ais,
te desejar,
sempre...

Sentir aquele teu perfume
Chanel ou coisa assim...
aquele volume de amor crescer...

Voar ou,
caminhar...
velejar...
Sentir que,
noite e o dia se misturam
em minutos intermináveis...

Desejar...

Que o tempo parasse,
que o tempo, congelasse,
que teu olhar se eternizasse...

Que teu corpo e o meu,
se fundissem numa só peça,
num interminável momento de comunhão...

Assim,
em sonhos e devaneios,
caminho.
Caminhas?

Não importa!
Fico cá com meus desenhos,
meus riscos,
minha linguagem...

Carteira escolar

JOÃO AIRES DE VASCONCELOS

Lá pelos idos de 1963, Rinaldo era um garoto gordinho, esperto e agitado. Estava sempre pensando, analisando o mundo em que vivia e a escola era o lugar em que mais era exigido, quer pelos professores, quer pelos coleguinhas que estavam sempre atentos a qualquer falha e aí desencadear uma corrente ininterrupta de gracejos, sem dó.

Numa dessas ocasiões que estava alheio ao que o professor falava, passando a mão pela carteira escolar, lá embaixo, junto ao pilar de sustentação encontrou um pedaço de papel, estava frouxo e o puxou.

Era um bilhete, de alguém que queria se comunicar. Alguém da noite, que fazia um curso mais avançado, o científico ou clássico. O Rinaldo, curioso optou por perguntar quem era e o que fazia.

E colocou um novo bilhete no espaço entre o tampo e o pilar de ferro. Ficou na expectativa com certa ansiedade para saber quem era e *tchan*, lá estava nova mensagem na aula seguinte.

Era a Letícia, estava no científico; perguntou o nome dele e ficou já pensando se deveria colocar o nome real, se não era um cara gozador brincando, avacalhando um possível

trouxa. Mas acreditou e começou a conversar, por meio desse correio da carteira. Ela sentava naquela carteira escolar toda noite, escutava as aulas, aprendia.

A carteira era assim dos dois, efêmeras na posse porque já tinham sido de outros e quando terminassem o tempo deles seriam de novos alunos.

Uma nova e deslumbrante ideia aparecia e entusiasmou-se. Falavam sobre o que acontecia, sobre eles, ele tinha 13 anos, ela provavelmente 16 ou 17 anos, mas não ousou perguntar porque poderia inviabilizar essa continuação de mensagens. O fato é que tudo caminhava para um encontro e o Rinaldo não estava a fim disso por pensar que não daria certo.

Ele não sabia muito bem o que fazer, como fazer alguma coisa ou seguir em frente com essa menina. Até um dia em que ela disse que iria no evento do colégio, pela manhã no dia do patrono da instituição. Seria uma festa e teriam oportunidade para se verem.

O Rinaldo ficou apreensivo, não quis deixar maiores explicações como ele era, como estaria diferente para ser reconhecido dos demais. Na verdade sentia-se um pouco inferiorizado

com a Letícia, não só por ela ser mais senhora de si, por ser mais avançada nessas investidas, mas também por não ter dinheiro e um aspecto responsável por ela.

Na verdade achava que não tinha nada a oferecer para ela, não a faria perder o tempo com ele e o pior, imaginou também a mãe dele o vendo com aquela jovem desconhecida, sem possibilidade de a apresentar.

Seria um estorvo, uma distração do estudo que ela queria para ele. Afinal, a mãe o acompanhava *pari passu*.

Sentia-se também receoso, uma intranquilidade, um desassossego que não entendia. Mas a vontade de ver a jovem, de buscar e encontrar não sabia bem o quê, impeliram-no a continuar.

No dia do evento, o pátio e outras áreas do colégio ficaram cheias de alunos, ficou só com o rabo do olho verificando cada uma das caras novas de meninas, uma a uma disfarçadamente.

Achou duas, risinhos uma com a outra, também dissimuladas, cochichando, ouvidinhos à boca, ora um, ora outro. Muito encantadoras.

Parecia que ele era o objeto de atenção delas, mas ele não firmou os olhares, além do mais, eram duas meninas.

Poderia a Letícia ser qualquer uma delas. O objeto da imaginação dele, do sentimento de aproximação com uma menina – ele um menino – poderia ser qualquer uma...

Se uma já era muito para os primeiros encontros, imagine então duas. Ele que a ninguém tinha falado nada sobre sentimentos sentiu-se assim desnudo, descoberto e recuou então.

Ficou por isso mesmo. Não se conversaram, não se conheceram, não deram o primeiro passo.

No outro dia, no correio, mensagens lacônicas, não perguntaram mais nada um para o outro, foram rareando até que num dia faltou, depois veio uma desculpa para nunca mais.

A imaginação era com eles, Letícia e Rinaldo, muito mais eficiente e animadora do que a realidade dos jovens daquele tempo. Tinham ainda muito a descobrir sobre os próximos passos, em se tratando de sentimentos tão profundos.



Foto: Divulgação

A história está em nós...

JOSÉ BARROS DOS ANJOS

Somos parte da história
De um Brasil colonizado que vive em nós,
Somos a continuidade da história.
Ah! Neste momento a história está em nós...

Somos um povo miscigenado
Que ao longo do tempo
Lutou e fez este Brasil acontecer.
Ah! O lema sempre foi ordem e progresso.

O grito da independência às margens do riacho Ipiranga
Foi um marco da separação histórica entre Brasil e Portugal,
Mas a história é feita por todos nós.
Ah! O Brasil real é diferente do Brasil oficial.

Desde o ano de 1882 mudamos
O rumo da história, da nossa história,
Nos tornamos uma nação independente e soberana.
Ah! Neste momento a história está em nós...



Buscando saídas

CLAUDEVALDA SOUZA-CLÁUDIA

Um dia ela se reconheceu
perdidamente apaixonada: loucamente.
Estava a passear nas nuvens,
vivia uma deliciosa paixão.
Que delícia apaixonar-se assim,
reviver essas sensações,
um delicioso frio na espinha
a percorrer toda sua estrutura.
Que esplêndido sentir!
Todavia, um amor impossível
dentro das impossibilidades do amor.
Ela, então, reconhece, que outra vez
necessita se reconectar com sua essência
e assim o fez. Com serenidade
e disposição para o recomeço
ela se pôs a buscar todas as frestas
por entre suas expectativas e
valores humanos, enquanto mulher.
Assim! Ela descobriu encantada
todas as saídas para as inquietações
da paixão proibida.

De repente, espelho

LUCAS SCARAPICCHIA

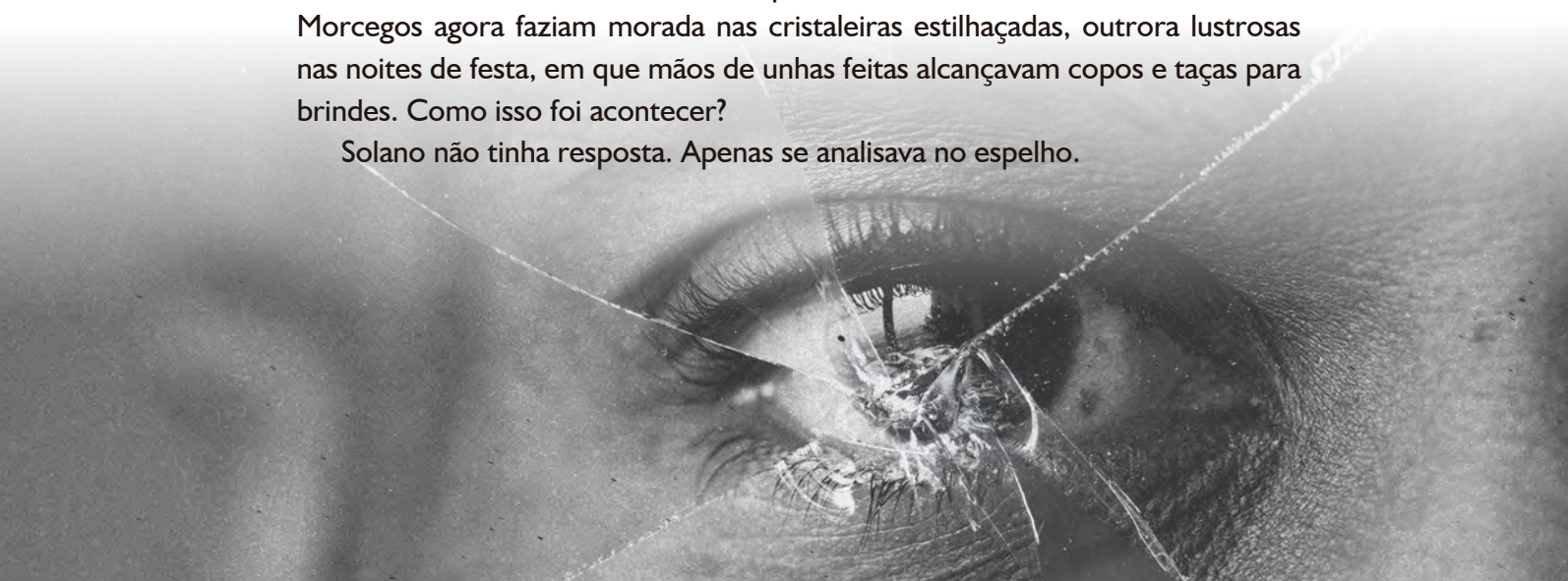
Os quadros que ornavam a sala pendiam de um só prego, enquanto outros estavam no chão. Os livros que emprestavam ares literários ao ambiente acumulavam poeira e traças no canto. De um lado, rachaduras na parede deixavam entrar sol por uma fresta; do outro, o papel de parede, mofado, revelava infiltrações há anos sem conserto. Como isso foi acontecer?

O piano, que tantas festas animava, parecia desfazer-se a cada nova teia de aranha que se formava. Algumas que pareciam ser partituras estavam espalhadas no chão, misturando-se ao limbo causado pela goteira do teto. A mesa de centro, com seu baleiro rachado, era caminho de centenas de insetos que aproveitavam os últimos grãos de açúcar de doces finos. Como isso foi acontecer?

Os passos de dança que deixavam o chão gasto deram lugar a rastros sem fim de bichos que proliferavam naquelas condições. O rádio e a TV, quebrados, transmitiam sons e imagens desconexos, fantasmagóricos. Como isso foi acontecer?

Os risos, as gargalhadas e o vozerio que eram a alma da sala davam lugar a um silêncio brutal, tão assombroso quanto uma caverna imersa na escuridão. Morcegos agora faziam morada nas cristaleiras estilhaçadas, outrora lustrosas nas noites de festa, em que mãos de unhas feitas alcançavam copos e taças para brindes. Como isso foi acontecer?

Solano não tinha resposta. Apenas se analisava no espelho.



Ventriloquo

DAVID FERREIRA

Quem realmente nos manipula, governa e dirige? Quem decide o que de fato pensamos querer desde a mais tenra idade? Dizem que criança não tem querer e muito menos os idosos insanos que após um certo tempo, desenvolvem patologias neurais como o Alzheimer e a demência. Uma tragédia, uma verdadeira decadência nesses tempos em que estamos vivendo.

Enquanto infante, nos dizem o que comer, o que vestir, o que estudar, aonde ir, quando e onde dormir e acordar. Dizem que “não somos todo mundo” e dançamos conforme os cordéis que nos permitem caminhar e agir, gostemos disso ou não. Somos levados por promessas falsas de recompensas que nem sempre são pagas conforme o contrato verbal, porém, iludidos somos, caminhamos pela corda bamba deste grande espetáculo social que se repete de geração em geração, perpetuando uma fantasia de que apenas a estrutura familiar tradicional é o modelo correto e padrão de “gente de bem”...

O ciclo natural da vida de modo biológico é o mesmo para as demais espécies do reino animal, pois nascemos, crescemos, vivemos e por fim morreremos. Entretanto, a nossa trajetória

não gozará de plena “livre escolha”, como prometido nas escrituras sagradas de diversas religiões criadas pelo ser humano. O pseudo “livre arbítrio” não garante que nossas escolhas pessoais sejam respeitadas, já que, “arbítrio” é um método de solução de conflitos baseado no julgamento pautado em uma decisão dependente apenas da vontade de terceiros; caracterizado pela informalidade de nossas próprias contravérsias. Estamos completamente enganados, quando pensamos que após a maioridade civil brasileira, poderemos fazer o que nos vem à telha. Essa é uma doce e amarga ilusão, pois, a menoridade cessa (conforme artigo 3º do Código Civil de 2003), aos dezoito anos completos, quando o ser humano fica habilitado à prática de todos os atos da vida civil. Voltando ao “faço o que quero, desejo e pratico”, o mercado de trabalho influenciará na escolha pela graduação elegida, conforme sua demanda e a intensidade em que sangra. Os estratagemas de marketing por sua vez, nos induzirão nas escolhas mercadológicas e financeiras. E, por fim, somos escolhidos ao pensar que escolhemos com quem nos relacionamos afetivamente. Somos ligados a cordéis infinitos nesta grande matriz social.

Murarius

DAVID FERREIRA

Que loucura passamos naquela santíssima obra, uma tribulação insana durante os quatro meses de liberdade cerceada por metro quadrado nesta propriedade, vivendo um cotidiano penal em condicional, num movimento de bate-estaca em horário comercial, pelo menos no relógio biológico deles; já que essa legião de serventes e agregados especializados nisso aqui ou naquilo ali, transfigurava-se no plágio do inferno de Dante. Uma comédia nada divina que trepidava os nervos a pulsar à flor da pele, transmitindo em alto relevo, os impulsos do estresse exalado por todos nós que aqui habitamos. Porém, esse furdunço na construção civil é mera rotina para tais cabras da peste, acostumados ao talco da cal e ao cimento marrento, maleável e tal no giro de uma betoneira da fortuna quinzenal, paga como soldo a esses brutos operários. O infortúnio para nós, foi acompanhar o saldo bancário que se esvaia dia após dia com a lista desmedida dos materiais de construção solicitados a maior, fato indesculpável, já que é inadmissível tais pseudos profissionais calcularem a quantidade de matérias-primas e insumos de forma tão desproporcional e irresponsável. Hashtag#diplomafazdiferença?

Entretanto, o desequilíbrio orçamentário de nossos débitos e créditos, foram amenizados

pela compreensão dos comerciantes envolvidos nessa fatídica operação, que acionaram o modo da logística reversa, recolhendo de volta tudo o que foi cotado e entregue a maior, aliviando nosso extrato bancário numa escala decrescente entre o vermelho e o azul, resultando em um extrato financeiro com tons de rosa choque. Sem glitter ou purpurina e é sobre isso!

Mas, como eu poderia imaginar, que a falta de um arquiteto ou engenheiro para planejar e comandar a tal da obra, poderia trazer tantos transtornos para a nossa pacata residência e essa foi uma lição assimilada a duros golpes de martelete. Quanto desgosto passamos até obter um resultado aproximado do que realmente sonhávamos para esta casa, foram meses torturantes e muito além do idealizado por Platão no mundo das ideias, onde tudo é eterno e faz sentido. Ora, pois, felizmente no mundo real nada é para sempre e ninguém é insubstituível; já que, rei morto é rei posto e um outro ser cintilante toma o seu lugar na obra em questão. Jaz aqui em uma referência abstrata e psicodélica ao filme estadunidense, o massacre da serra elétrica, configuramos desconstruídos neste ensaio, manipulando uma makita em modo de-veras compreensível.

Hammâm

DAVID FERREIRA

Balneários urbanos, as casas de banho estão presentes no cotidiano da humanidade desde a antiguidade e sua funcionalidade era elevado a um ritual de purificação e respeito da água.

Criados antes da era cristã, os banhos turcos foram idealizados com fins terapêuticos, atendendo aos mercadores que regressavam de longas jornadas por terras áridas e desérticas,

Em estado de prostração, esses homens chegavam ao *hammâm* com a pele ressecada e com os poros entupidos com tanto pó do deserto, o que lhes causava graves problemas respiratórios. A única maneira encontrada para abrir os poros, limpando assim os pulmões e as vias respiratórias, foram os banhos de vapor d'água, o que reidrata o corpo por inteiro, estabilizando desse modo suas energias vitais, geradas pelo pensamento e pelas emoções.

Com o passar do tempo, as areias nas ampulhetas dos reinos daquela região fluíram e essa ideia logo ganhou adeptos entre armênios, árabes, imperadores romanos e pensadores gregos; que incrementaram seus serviços ao admitir os massagistas nos banhos. Os *tellak* (em turco), eram homens jovens que ajudavam a lavar os clientes, ensaboando e esfregando

seus corpos; o que proporcionava um relaxamento muscular ainda mais eficiente aplicado ao tratamento contra o estresse físico e mental.

Quanto à sua grandiosa arquitetura, o *hammâm* foi projetado totalmente em mármore com tetos côncavos e potentes caldeiras de bronze, no qual era utilizada uma enorme quantidade de água em ebulição, o que a mantinha sob um manto cerrado de vapor constante. Muitas vezes confunde-se banho turco com sauna, porém, a sauna está estreitamente relacionada com a antiga estética greco-romana, mas a realidade é que são terapias bem distintas; já que o banho turco consiste em permanecer numa atmosfera saturada de vapor de água com uma temperatura que oscila entre 40° a 45° graus. Tão quente quanto excitante...

Entretanto, a estrutura do banho turco evoluiu ao assimilar novas tecnologias de outras civilizações que as aperfeiçoaram, chegando por fim ao modelo de sauna a vapor que utilizamos nos dias atuais. Os costumes eram copiados e modificados de acordo com a cultura de cada país, ou seja, tudo que se cria se copia e sofre intervenções ao longo dos séculos.

Hashtag#CtrlCtrlv ...é sobre...

Quando se fala sobre as suas propriedades terapêuticas, frequentar um banho turco auxilia na desintoxicação do organismo, contribuindo na redução das gorduras e toxinas. Devido à sua tonificação e relaxamento, o banho de vapor é uma das melhores terapias para o estresse e a tensão diária, ajudando até mesmo na melhora de nossa aparência física. A dilatação dos poros da pele causada pelo calor, facilita a penetração de vapor, permitindo a remoção das impurezas, a aquisição de elasticidade, brilho e suavidade. Indicado para todas as idades, é um regulador de tensão excelente e um essencial terapêutico e preventivo para doenças das vias aéreas. E, sem qualquer esforço físico, sua prática ajuda a descarregar a eletricidade do corpo, relaxando os músculos, reduzindo o estresse, o que elimina as dores musculares. Indicado em casos de alergias, bronquites, sinusites, obesidade, reumatismo, esgotamento físico e mental, alcoolismo e tabagismo; essa prática do banho a vapor é apontada como uma das causas da longevidade em alguns países europeus, onde é feita com rotina e simplicidade.

Pois bem, descortinando o viés histórico e sendo um pouco mais explícito, sabemos que desde o período greco-romano, as casas de banho voltadas exclusivamente para o público masculino são compostas por uma clientela mista entre gays e bissexuais (solteiros, ca-

sados, enrolados); onde se propicia encontros casuais anônimos, além de ser frequentado por pessoas que buscam socializar ou praticar o voyeurismo.

Este espaço comercial ressurgiu ao longo das décadas de 1950, 1960 e 1970, multiplicando-se por vários países através das décadas, configurando-se de modo homogêneo com algumas particularidades entre si. Portanto, as saunas são espaços seguros onde as *yags* não precisam limitar sua expressão natural a encontros furtivos e apesar dos direitos civis conquistados até agora por todos presentes na sigla LGBTQIA+, neste metier a seco ou no vapor, temos o direito de coexistir dentro e fora de todos os ambientes e antros da sociedade do século XXI... XXII... XXIII... XXIV...

...dedicado aos amigos Ildo, Régis, Valdir e Jujuba (Bulldogue).



Deglacagem

DAVID FERREIRA

Mise en place para começar.
Cozinhando estou, sigo mordiscando e beliscando...
Marinando, untando, salteando, refogando...
Untuosidade plena, caramelizou, ...ué!
Paladar sensacional, cozinha afetiva... *dark kitchen*...
Mas..., e o toque agridoce do meu coração?
Fatiei, grelhei... *Mise en scène*...
[Comensais à mesa]
Yammy nhammy...
Bon appetit...
Mon Cher!

Direitos LGBT em Portugal

KELLY CRISTINA GALBIERI

Um querido amigo esteve em Portugal este ano e, após presenciar maneiras de conscientização da população sobre a comunidade LGBT me encaminhou por WhatsApp, fotos locais, uma vez que sabe da minha luta neste nosso país. Alguns outdoors, algumas vitrines de lojas lusitanas, uma feira da diversidade sexual, banheiros químicos unissex, definição de conceitos de cada uma das letras da sigla LGBT em paredes, demonstração das formas de uso de pronomes à comunidade etc., são algumas das formas de trazer para o dia a dia um momento de reflexão aos portugueses. Achei bárbara a ideia, pois só podemos ser empáticos com aquilo que conhecemos e então há uma chance real de diminuição do preconceito. Este sempre foi meu lema.

E então resolvi pesquisar um pouco sobre a evolução daquele país frente ao nosso. Como

e quando algumas conquistas foram realizadas pela sociedade. E me surpreendi em ver como algumas aconteceram em momentos parecidos com o Brasil. Mas ainda vemos que, nos dias de hoje, eles têm mais “coragem” de esclarecer aos cidadãos quem são e como podem respeitar as pessoas desta comunidade. Diferentemente do Brasil, que, por medo de perda de votos em campanhas eleitorais, não assumem o compromisso de diminuir as tristes estatísticas de violência contra as pessoas que não estão no sistema heterocisnormativo.

Foi em 1982 que Portugal descriminalizou a homossexualidade. Sobre este tópico podemos comemorar, já que ocorreu muito tempo depois de nós, brasileiros, termos esse avanço em nossas leis penais, que ocorreu em 1830, durante o reinado de D. Pedro I, na promul-

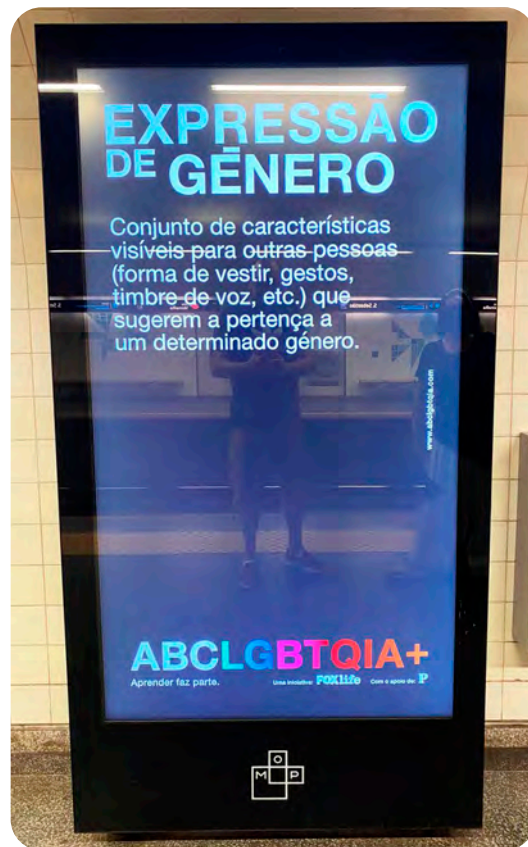


gação do Código Penal do Império, sendo uma das primeiras nações a adotar tal postura.

Já sobre o serviço militar, Portugal passou a permitir que homossexuais e bissexuais servissem as Forças Armadas a partir de 1999, porém até hoje os transexuais enfrentam barreiras, sendo impedidos de servir ao país. Ainda está em discussão o caso de um jovem transexual que passou em todas as provas de candidatura ao exército português, todavia foi recusado por falta de hormônios sexuais masculinos. Não que o Brasil seja diferente...

Em 2001, casais homoafetivos passaram a ter os mesmos direitos que casais heterossexuais em relação às uniões estáveis, conhecidas em Portugal como relações de fato. Porém, ainda não era permitida a adoção desta nova forma de constituição familiar. Penso que é um avanço e um retrocesso concomitantes. O que desqualifica uma família homoafetiva a adotar, amar uma criança? Participei ativamente em um grupo de apoio à adoção em Jundiaí, minha cidade natal, e pude comprovar com meus próprios olhos a adoção de crianças por casais homoafetivos. Posso garantir que estes casais têm muito mais disposição em adotar crianças mais velhas e irmãos, ainda que sejam em um grade número (tenho conhecimento de um casal gay que adotou de uma só vez cinco crianças, a fim de não separá-las de forma alguma).

Mas, graças à luta, hoje os casais homoafetivos portugueses também podem adotar crianças.



A primeira lei antidiscriminatória se deu em relação ao trabalho/emprego em 2003. A comunidade LGBT passou a ter acesso a emprego e proteção contra discriminação e assédio sexual no trabalho.

Em 2004, a orientação sexual foi incluída na Constituição Portuguesa, por intermédio do artigo 13, que trata do princípio da igualdade.

“Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei.

“Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão da ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação econômica, condição social ou orientação sexual.”

Outra barreira a ser quebrada: por quatro anos Portugal viveu um avanço em relação à doação de sangue de homossexuais, bissexuais e homens que fazem sexo com homens. Em 2005, o Instituto Português de Sangue permitiu oficialmente a doação de sangue destas pessoas. Não

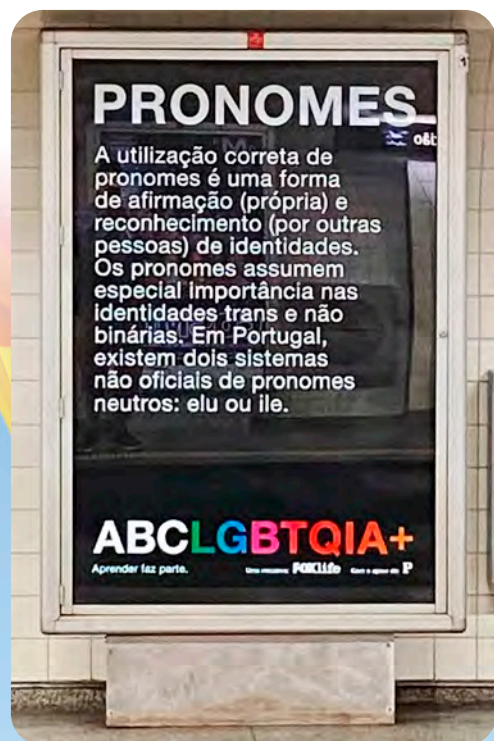
obstante, em 2009, o presidente deste mesmo instituto anulou a decisão. Foram anos aguardando este direito, mas hoje, enfim, é permitida a doação em Portugal. No Brasil, desde 08 de maio de 2020 tal restrição foi derrubada, por meio de uma decisão do Supremo Tribunal Federal.

Já em 2007, o Código Penal Português foi revisado e algumas alterações foram de suma importância para garantia dos direitos individuais das pessoas que se declaram LGBT. Uma delas foi a igualdade na idade de consentimento, outra incrível conquista foi a criminalização de homo e bifobia, sendo por crime ou discurso de ódio e ainda a proteção conjugal contra a violência doméstica.

A Lei de Educação Sexual nas Escolas também sofreu alteração em 2009, uma vez que foram incluídas questões relacionadas à orientação sexual nas escolas do país.

E em 2010, passa a ser permitido o casamento entre pessoas do mesmo sexo, mas ainda havia impedimento da adoção por estes casais. O que foi derrubado só em 2015, tanto na adoção quanto no apadrinhamento civil de crianças. Querendo ou não trata-se de um avanço... não podendo ser deixado de comemorar. Já em 2016, o Parlamento aprovou o acesso à procriação medicamente assistida por mulheres independente de sua orientação sexual e estado civil.

A comunidade T (transexuais, transgêneros e travestis) tem hoje uma vida mais digna, já que





foram também aprovadas a redesignação de sexo, com direito a terapia, acompanhamento e cirurgia, além da modificação de gênero nos documentos e o reconhecimento de pedido de asilo em função da orientação sexual ou identidade de gênero.

Com tudo isso, quero deixar como reflexão a velocidade com que tudo se conquista no Brasil e em terras portuguesas. Penso que algumas vitórias temos em relação a eles, porém hoje, a partir das demonstrações que este amigo me encaminhou, pude comprovar que a inclusão em todos os espaços se faz cada vez mais necessária, pois só gostamos e respeitamos aquilo que conhecemos. E a nossa luta continua... diuturnamente!

Parabéns, Portugal!



BRASIL e PORTUGAL - 200 Anos unidos de Alma e Coração



Biografias



ADELAIDE GRAÇA

Natural de Campos, Vila Nova de Cerveira, Portugal.

Autora de livros de poesia, prosa poética, prosa/narrativa e infantojuvenil.

Presente em várias obras e antologias.

Contato: adelaidegraca@gmail.com



ADÉLIA DIACUI CRUYER FOUTONATT PAGOTTI

Moradora de Louveira e membro da ALLA - Academia Louveirense de Letras e Artes. Presente em várias obras e antologias.

Contato: diacui.pagotti@gmail.com



ALBERTO GABRIEL BIANCHI

Escritor e poeta, Advogado com curso de Direito: *A responsabilidade dos construtores do Direito Público e Privado e O Estado de Direito e a proteção dos Direitos na França*, na Universidade de Paris 1 – Panthéon Sorbonne, Paris, França. Presidente da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura - ARLEC - Cadeira 44. Participação em 38 livros, sendo 12 como autor, 26 como coautor em várias coletâneas com poesia e prosa. Verbetes da *Enciclopédia da Literatura Brasileira Contemporânea* e em outros lançamentos.

Contato: kbianchi@terra.com.br

Biografias



ALEXANDRE BARROS CASTRO – Advogado e Consultor Empresarial. Formações: Direito e Administração de Empresas). Mestre e Doutor em Direito Tributário (PUC/SP). Membro Efetivo do Conselho Científico da Academia Brasileira de Direito Tributário. Fundador da Academia Jundiaense de Letras Jurídicas (2009-2013). Diretor da 33ª Subsecção OAB/SP (Gestão 2001-2003), Presidente da 33ª Subsecção OAB/SP (Gestão 2004-2006), Conselheiro Estadual da OAB/SP (Gestão 2007-2009), Coordenador da Escola Superior de Advocacia – ESA (Gestão 2019-2021). Autor de 13 livros na área de Direito Tributário, além de diversas publicações e artigos em revistas científicas do Brasil e do exterior.

Contato: alexandre@barroscastro.adv.br



ARIADNE RODRIGUES DE MORAES

Escritora, poeta, com um livro autoral *Vitória* publicado pela Editora InHouse em 2021 e participação em várias antologias publicadas pela editora.

Contato: ariadnermoraes2016@gmail.com



ARISTIDES ALMEIDA ROCHA e IVANE PADILHA DE SOEIRO ROCHA

Professores de Biologia e Geografia, aposentados. Viajam conhecendo novas culturas procurando dados históricos e genealógicos. Pela editora In House têm artigos e livros publicados, versando sobre religião, genealogia e esporte.

Contato: arirocha2006@hotmail.com

Biografias



CARMEN SÍLVIA PEREIRA

É natural de Ituverava/SP. Professora especializada na pré-escola, atriz e diretora de produções teatrais. Participou de diversos cursos e oficinas de dramaturgia para televisão e teatro. Publicou os livros com peças de teatro *Texto em contexto - Volumes I, II, III e IV*, os romances *Selena* e *Violino Cigano* e o infantojuvenil *Dorinha*, todos pela Editora In House.

Contato: carmencita.pereira.2012@gmail.com



CLAUDEVALDA SOUZA-CLAUDIA

Assistente Social, especialista em Gestão do Sistema Único de Assistência Social-SUAS, pedagoga, nordestina, parda, mãe, avó que carregava em seus sonhos o desejo de se expressar através da escrita. Ficou muitos anos sem escrever, a partir de uma circunstância a vida apresentou a poesia como uma fonte de superação. No ano de 2021, iniciou sua participação em antologia: *De Eva a Frida As Dores e Amores de Ser Mulher* (Editora In House); *Pandemim – a pandemia em mim* (Editora In House) entre outras. Em 2022, lançou o seu primeiro livro solo de poesias, *Do outro lado da janela*.

Contato: desouzaclaudia3@gmail.com



DALTON LUIZ SIBINEL

Poeta e escritor. Natural de Jundiaí/SP, Brasil. Filósofo imortal da Academia de Letras do Brasil, Academia de Letras do Portal dos Poetas Brasileiros e Academia Jundiaense de Letras. Administrador público, advogado, sindicalista, diretor de associações civis, participou de várias antologias publicadas pela Editora In House. Quatro livros publicados: *Uma pérola esquecida* (2010); *Uma estrada, um destino... os caminhos de uma vida* (2011); *Descompasso da Administração Pública* (2015); *As nuances de uma curiosidade* (2017) e *O ápice dos pensamentos* (2020).

Contato: dsibinel@gmail.com

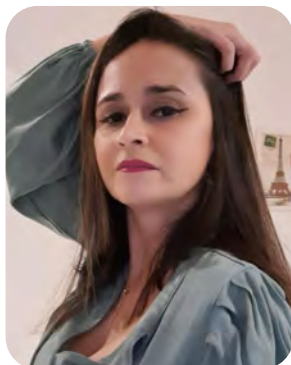
Biografias



DAVID FERREIRA

Minha definição por Elis Regina (pisciana): “Quando sou doce, sou doce. Se não, sou mais ardida que pimenta!”. Eu pisciano: [14][03][1977] – e é sobre isso yags do meu Brasil & Portugal. Cristão: Espírita Kardecista. Formação Acadêmica: Aviação, Administração, Logística e Gastronomia – Yammy nhammy & Bon appetit!

Contato: david30david@gmail.com



FABIANA VIANA MOUTINHO RESENDE

Historiadora, professora, escritora, poetisa e Mestre em Ciências da Cultura pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Trabalha como professora desde 1994. Autora do livro *De Severa à Amália: O estereótipo feminino no fado*, publicado pela Editora In House.

Contato: fabiana_moutinho@yahoo.com.br



FÁBIO SPINA

Escritor jundiaense com três livros publicados e mais de vinte trabalhos, entre contos, crônicas e poesias publicados em coletâneas. É casado com Stela e pai de Raul, formado em Direito e Contabilidade, trabalha como Gerente financeiro e atualmente também se encontra como presidente do Grêmio Cultural Professor Pedro Fávoro.

Contato: stelaefabio@hotmail.com

Biografias



HERMINIA BALBUENA

Professora por profissão, missão, amor e compaixão desde os 20 anos. Nasceu na cidade de Jundiaí, São Paulo, ao primeiro dia do mês de agosto de 1969. Participou de concursos, exposições e de antologias; recebendo prêmios, homenagens e menção honrosa. Lançou em 2022 seu primeiro livro autoral: *Vidas & Almas*. Está presente em várias antologias da Editora In House.

Contato: herminiabal@gmail.com



FLAVIA CUNHA

Professora aposentada, pedagoga e escritora. Nasceu em Espírito Santo do Pinhal/SP. Gosta de escrever poesias, geralmente voltadas às maravilhas da natureza e à observação dos problemas e sentimentos humanos. Faz parte da Academia Barretense de Cultura e do grupo RELIARTES, também barretense. Em Jundiaí, pertence ao Grêmio Cultural Professor Pedro Fávoro, à Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí e à Academia Jundiaense de Letras. Publicou seis livros de poesias, participando também de inúmeras coletâneas da Editora In House.

Contato: flaviacorreacunha@hotmail.com



GARGIONE OSCAR OLIVEIRA DE AVILA

Reside em Rio Grande/RS. Escritor e declamador, vencedor de vários festivais e concursos de música e poesia. Possui dois álbuns gravados com poesias de sua autoria e declamação própria. Membro da Academia Xucra do RS-Estância da Poesia Crioula, na qual foi delegado regional e ocupa a Cadeira nº16 da Academia de Artes e Letras Sul Lourenciana.

Contato: gargioneavila@bol.com.br

Biografias



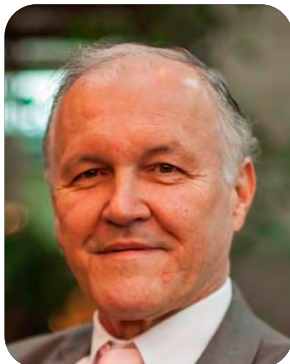
IVONETE PICCINATO DE FREITAS

Graduada em Direito pela USP. Atuou por mais de trinta anos na área cível. Participou das antologias: *Dezembro* (2017), *Escritores Brasileiros*, Vol. II, (2018), *Encontro Além-Mar* (2019), *Memórias do Confinamento*, *Navegar é Preciso e Sols-tício da Alma* (2020), *De Eva a Frida* (2021), *Encontro Literomusical Brasil & Portugal* (2021), *Pandemim, a pandemia em mim* (2021), *Revista JLetras* vol. I, II e III, *Essas incríveis mulheres* (2022), *Soltos ao vento 100 poemas buscam seu destino* (2022) – todas da Editora In House. Participação no livro *Gotas de Alegria*, de Nilton Gutierrez (2017). Lançou, em 2021, seu primeiro livro: *Casa de Vidro*, pela Editora In House. São Paulo, Capital. Contato: ivonetepiccinato@yahoo.com.br



JEFFERSON DIECKMANN é escritor, poeta, formado em Direito pela Faculdade de Direito de Curitiba - UNICURITIBA e técnico em Eletrônica, especializado em telecomunicações, formado pela Escola Técnica Federal de Pelotas. Gaúcho de São Lourenço do Sul, nasceu em 31/01/1958, às margens da imensa e bela Lagoa dos Patos, mas é nas ruas de Curitiba, capital do Paraná, que na observação do cotidiano escreve sua obra literária. Possui cinco livros próprios e participação em mais de 100 antologias. É presidente da AIL – Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana, membro efetivo do Centro de Escritores Lourencianos. Foi o patrono da Feira do Livro de São Lourenço do Sul/RS em novembro de 2019. Membro de diversas entidades literárias.

Contato: jdieckmann@gmail.com



JOÃO AIRES DE VASCONCELOS

Nasceu em São Paulo, no mês de agosto, tempo frio em vias de ficar quente. Estudou na Escola Paroquial do Brás, colégio Domingos Faustino Sarmiento. Depois Medicina em Mogi das Cruzes. Sempre escreveu muito, em pedaços de papel, em receituários, em folhas de papel em branco. Publicou seu primeiro trabalho *Gotinhas de ninar* no jornalzinho do colégio Sarmiento, levou depois disso, 60 anos para outra publicação. Talvez o trabalho exigente da medicina, talvez as incertezas de suas realizações, talvez o mundo de amanhã.

Contato: joãoairesde@gmail.com

Biografias



JORGE TRIGO - Licenciado em História e Mestre em História Regional e Local pelas Universidades Portuguesas. Tem organizado e participado em inúmeras iniciativas e tem vários trabalhos publicados em Portugal e no Brasil. É membro do Conselho Geral da Fundação **Amália Rodrigues**. Publicou, em 2013, o livro *Ercília Costa – Sereia Peregrina do Fado*, Ed. Fonte da Palavra, Lisboa, tendo sido distinguido com o Prémio Amália (Edição Literária) 2014, atribuído pela Fundação Amália Rodrigues. Possui a Medalha de Mérito Municipal, Grau Ouro, Secção Cultura, da Câmara Municipal de Sintra, Portugal, o Diploma de Reconhecimento da Editora In House, Brasil, 2017, entre outros. É Embaixador Cultural da Editora In House em Portugal. Contato: maltatrigo@gmail.com



JOSÉ BARROS DOS ANJOS

Escritor, professor. Mestre em Educação. Autor do livro *Formação de professores da EJA: práticas pedagógicas e o ensino aprendizagem*, 2021. Organizador do livro *Educação em Foco: múltiplos olhares sobre a educação*, 2021. Organizador do livro *Educação: o professor diante dos contextos escolares*, 2019. Membro titular da Academia Municipalista de Sergipe. Membro efetivo da União Brasileira de Escritores - UBE - Núcleo Arapiraca/AL.

Contato: professorbarrosanjos@hotmail.com



JOSÉ FELÍCIO RIBEIRO DE CEZARE – Poeta e professor. Mestrando em Ensino e História de Ciências da Terra pela Unicamp. Coedita com Márcio Martelli a famosa revista literária *JLetras*, e mantém a parceria com o amigo, assim como nas antologias, na série de vídeos literários *Diálogos Poéticos* no canal da Editora In House no YouTube. É membro efetivo da Academia Jundiáense de Letras – AJL. Integra o Coletivo de Escritores da APEOESP e o podcast *Humanoides*. Desenvolve projetos na área de educação, literatura e cultura, além de trabalhos voltados para a memória e patrimônio histórico. Por último e não menos importante: corinthiano, comunista e antirracista.

Contato: jfdecezare@hotmail.com

Biografias



KELLY CRISTINA GALBIERI

Natural de Jundiaí/SP. Assessora de Políticas para Diversidade Sexual na Prefeitura Municipal de Jundiaí. Formada em Administração de Empresas pela PUC/Campinas e Direito pela UniAnchieta. Pós-graduada em Direito Público pela UNISAL e em Direito Homoafetivo e de Gênero pela Universidade Santa Cecília. Articulista do portal *JundiAqui*. Ocupa a cadeira nº 2 da AFLAJ - Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí. Presidente da comissão da diversidade sexual e gênero da OAB Jundiaí. Coorganizadora e integrante da obra *Love is Love* (2021, Editora In House).

Contato: kellygalbieri@hotmail.com



LIEGE ESTEVES

Tem dez publicações independentes, o seu mais recente trabalho é o seu primeiro romance: *Sempre há tempo para ser feliz*. Formada em ballet clássico, sempre esteve envolvida com as artes. Participação em diversas antologias e com grande atuação literária em feiras e bienais.

Contato: liege.steves@gmail.com



LORENI FERNANDES GUTIERREZ

É licenciada em Letras pela UNESP de São José do Rio Preto, Agente Fiscal de Rendas aposentada pela Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo e autora de quatro livros: *Amor e Sonhos*, poemas; *Muito mais que retratos da Vida*, ficção; *Amália, Amarílis e as borboletas*, ficção, *Charlotte Maria, filha de lobos*, ficção e *Faces de Chronos, vozes femininas na pandemia*, poemas. É acadêmica da ARLEC - Academia Rio-pretense de Letras e Cultura de São José do Rio Preto. É integrante da REBRA - Rede Brasileira de Escritoras, da UBE - União Brasileira de Escritores e Chanceler na Academia Brasileira de Escritores - ABRESC.

Contato: loreni_fernandes@hotmail.com

Biografias



LUCAS SCARAPICCHIA

Meu nome é Lucas Scarapicchia, sou advogado e tradutor. Às vezes, acho-me no direito de jogar umas palavras ao mundo, chamando-me de “escritor”. Espero um dia sê-lo e, se for o postal, é um bom sinal. A rima foi acidental, esta foi proposital.

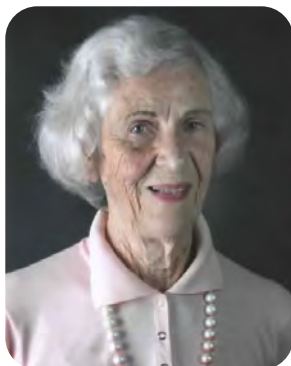
Contato: lucas.scarap@gmail.com



LUIZ HAROLDO GOMES DE SOUTELLO

Nascido em São Paulo, em 1944, é advogado formado no Largo de São Francisco (USP), historiador, genealogista e ficcionista, com muitas obras publicadas em todas essas áreas. Foi também professor regente na Faculdade de Direito da PUC/SP e professor titular na Faculdade de Direito da UNIANCHIETA (Jundiaí). Aposentado como Procurador de carreira do Banco Central do Brasil. Ex-presidente da Academia Jundiaense de Letras. Em 1992, durante os festejos de São João, o Presidente Mário Soares agraciou-o com uma bastonada de alho-poró, em uma praça do Porto.

Contato: lhgs.44@hotmail.com



LYGIA GUIÃO MARONI

Nasceu em Ribeirão Preto/SP, em primeiro de janeiro de 1930. Filha de Euclides Palma Guião e Alice Cayres Guião. Tem dois filhos – Thaís e Laerte, seis netos e três trinets. Aposentada, reside em Jundiaí/SP, Brasil. Ocupa, como Patrona, a cadeira nº 09 da AFLAJ - Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí.

Contato: liguima@mxbr.com.br

Biografias



MANOEL DE JESUS CARVALHO

Nasceu em Tutoia, no estado do Maranhão, em 25 de dezembro de 1946. Reside em Jundiáí desde 1997. Bacharel em Comunicações pela Faculdade Anhembi Morumbi. Funcionário público aposentado da Prefeitura de Jundiáí. Lançou, em 2017, seu primeiro livro: *A quem possa interessar*, pela Editora In House. Tem poesias publicadas em diversas antologias literárias.



MARA LÍGIA BIANCARDI

Nascida em Jundiáí no dia 16/08/1967. É professora de Inglês formada pela USP, com cursos de Pós-Graduação em Língua Inglesa, Literatura e em Metodologias do ensino da Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica. Membro da Academia Jundiáense de Letras, da Academia Infantil de Letras e Artes de Jundiáí e do Grêmio Cultural Pedro Fávoro. Autora dos livros *Momentos*, *Inverso*, *As Chaves Mágicas*, *Os Três Rs Mágicos*. Realiza saraus, recitais bem como projetos e palestras sobre Literatura. Divulga seu trabalho de escrita e questões sobre a Literatura pelo projetos “Versos Nus” e “Eu e a Literatura, a Literatura e eu” nos canais Instagram e Facebook. Contato: mlbianca67@gmail.com



MÁRCIO MARTELLI

Escritor nascido em Jundiáí em 1968. Membro efetivo da AJL - Academia Jundiáense de Letras. Mestrando pela UNICAMP em Ensino e História de Ciências da Terra, no Instituto de Geociências. Editor de livros com mais de 1.000 títulos produzidos. Participou de diversas Bienais Internacionais do Livro no Brasil e de feiras do livro em Portugal. Publicou mais de 45 livros autorais. Foi o curador da I FLIVI – Festa Literária de Vinhedo. Em 2021, lançou três livros: *Hermes* (prosa), *Afrodite* (poesia) e *Estuário da Alma* (em coautoria com Jorge Trigo).

Contato: marciomartelli05@gmail.com

Biografias



MARTA CORRÊA

Natural de Jundiaí/SP, Brasil. É cantora, compositora, escritora, jornalista, psicóloga e policial civil. Integra o grupo de escritores *Palavras Sem Fronteiras*, bem como é responsável pela editoria de Música da *Revista JLetras* da Editora In House.

Contato: marta.esquinadacultura@gmail.com



MAURÍCIO MOURA

Nasceu em São Paulo em fevereiro de 1952. Empresário, formado em Administração de Empresas, tendo ainda cursado História e História da Arte. Publica semanalmente no blog *Memórias de Bairros Paulistanos* e, ao lado de cronistas desse grupo, publicou em 2022, pela Editora In House, a antologia *Os Sete de Sampa*.

Contato: mauricio.moura@carbinox.com.br



MELISSA MAIA DE SOUZA

Nasceu em Jundiaí, São Paulo, Brasil. Estudou Letras (Português e Inglês) na Faculdade de Ciências e Letras Padre Anchieta. Sempre gostou de escrever e desde a adolescência escreve poesias e textos. Participou da 3ª Edição da *Revista JLetras* e das antologias *Essas incríveis mulheres* e *Soltos ao vento, 100 poemas procuram seu destino* pela Editora In House. Em 2022, lançou *Estações da Alma*, seu primeiro livro autoral de poemas.

Contato: melissamaiadesouza852@gmail.com

Biografias



PÉRSIO L. MARCONI

Advogado, professor, escritor e revisor. Membro da ARLEC (Academia Rio-Pre-tense de Letras e Cultura). Autor do *Dicionário de Expressões Idiomáticas In-glesas* – 3ª edição. Tem publicações em antologias diversas, dentre elas o FLIP (Festival Literário de Paraty). Lecionou direito civil e língua inglesa no magistério superior e atuou por 45 anos no ensino de inglês no ensino médio.

Contato: persiomarconi@gmail.com



RONALDO ALBERTO MARTELLI

Nasceu em Jundiá, Terra da uva e da Serra do Japi. Casado e pai de três fi-lhas: Carla Carolina, Brunna Isabela e Júlia Eduarda. Aventura-se nos poemas e poesias pelo belo da palavra escrita. Formado em Gerenciamento de Projetos e Governança de TI, no qual atua. Já participou de outras antologias da In House. Atualmente prepara e organiza seus poemas para a publicação de seu livro solo para lançamento em breve.

Contato: ronamartelli@gmail.com

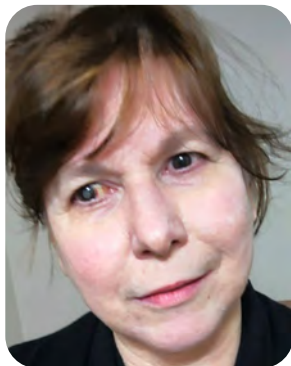


ROSALIE GALLO Y SANCHES

Mestre em Língua Aplicada ao Ensino de Português pela (PUC/SP) e Dou-tora em Teoria Literária (UNESP). Com diversas premiações nacionais e interna-cionais. Membro da ARLEC – Academia Rio-pretense de Letras e Cultura. Pu-blicações: *A memória invisível / La memoria invisible* (2001), *Eu vi onde termina o mar* (2003), *Luísas* (2010), *O paciente de Jorlene* (2018), *A coroa da menina* (2020), *Ramos e outras estranhezas* (2020).

Contato: rgallo1945@gmail.com

Biografias



SUSANA FERRETTI (Susana Aparecida Ferretti Pacheco), natural de Jundiaí (SP), graduada em Direito, Procuradora do Município de Jundiaí (aposentada); Especialista em Criatividade e Produção de Textos (UniAnchieta, Jundiaí), em Didática do Ensino Superior (UniAnchieta, Jundiaí) e em Direito do Estado (Direito Administrativo, Constitucional e Tributário – Universidade Gama Filho). Em 2021, foi laureada com Menção no ‘XXXVI Premio Mondiale di Poesia Nosside’, de Regio Calábria, Itália (nosside.org). É autora de *À Luz da Lua* (2007) e *Horizontes* (2021) e, em coautoria com Márcio Martelli, de *Silêncio, Sons, Emoções, Palavras* (2008), todos publicados pela Editora In House, de Jundiaí (SP). É membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí – AFLAJ, da Academia Jundiaiense de Letras Jurídicas – AJLJ (atual Vice-Presidente) e da Academia Jundiaiense de Letras – AJL (atual Presidente). Contato: susanaferretti@uol.com.br



VALDEREZ DE MELLO

Valderez Ana Maria de Mello Cornacchione é graduada em Pedagogia (1978), Direito (1995) e Especialização em Psicopedagogia (1993) pela UniAnchieta Jundiaí/SP. Especialização em tratamento de Autistas pela USP/SP (2002). Responsável pela Clínica de Reeducação Infantil Estímulo e Ação desde 1995. Membro efetivo da Academia Jundiaiense de Letras, da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí e da Academia Jundiaiense de Letras Jurídicas. Fundadora e membro efetivo da Academia Baririense de Letras e Artes. Articulista do *Jornal de Jundiaí* e *Jornal da Cidade de Bauru e Região*. Autora de livros de poesias, contos, crônicas e de histórias infantis. Contato: valdemello@gmail.com



Esta obra é dedicada ao povo português e ao povo brasileiro.





"Tudo vale a pena se a alma não pequena"
(Fernando Pessoa)



O Oceano Atlântico a separar e a unir

Há dias assim! Raros, mas há. Estava eu e Amélia, minha esposa, caminhando por Lisboa quando conhecemos o DUDA, um luso-brasileiro, nascido no Rio de Janeiro, cantor, autor e produtor musical. Ficámos a conhecer o seu projeto *4 Moinhos*. E no lançamento desta antologia, na Feira do Livro de Lisboa, a sua participação e de seus companheiros constitui já um enriquecimento da obra viajante do Brasil para Portugal.

Também a colaboração da Associação Valdevinos Teatro de Marionetas, (a comemorar 25 anos de existência), por meio da representação do Teatro D. Roberto, inscrito no Inventário Português do Património Cultural Imaterial, constitui uma valorização enorme na apresentação desta antologia luso-brasileira.

Estimados leitores brasileiros e portugueses aqui está uma obra que, neste ano especial em que é editada, contribui para estreitar ainda mais as relações entre os dois países. Ao lê-la vê-se claramente essa união, esse amor, demonstrado pelos escritores participantes e o coração de D. Pedro que viaja entre Portugal e Brasil representando simbolicamente essa ligação umbilical de Alma e Coração.

A antologia é editada por Márcio Martelli, editor brasileiro da In House, situada em Jundiaí, São Paulo. E viaja até Lisboa, Portugal, para descansar na 92ª Feira do Livro de Lisboa. São mais de 7900 Km de distância. O Oceano Atlântico a separar e a unir. Tanto Mar, título da canção de Chico Buarque, e tanto Amor para dar!

Jorge Trigo

Embaixador Cultural
da Editora In House
em Portugal
Setembro de 2022



ISBN: 978-85-7899-667-3

